

# ASTUCIAS

DE

# BERTOLDO,

VILLÃO DE AGUDO ENGENHO  
E SAGACIDADE,

que depois de varios accidentes e extrava-  
gancias, foi admittido a Cortezão, e Con-  
selheiro de Estado.

OBRA DE GRANDE RECREIO,  
E DIVERTIMENTO.

Traduzida do Idioma Italiano em Portuguez.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1826.

*Com Licença.*

---

*Vende-se na Loja de João Nunes Esteves,  
Rua dos Capellistas N.º 27 E.*

## ASTUCIAS DE BERTOLDO

*Sua ousadia, quando entrou no Palacio  
d' ElRei Alboino.*

**P** Assou Bertoldo por meio de todos aquelles Grandes do Reino, e Barões, que fazião Côrte a ElRei, sem tirar o chapéo, nem fazer acto algum de reverencia, e foi logo assentar-se junto a ElRei, o qual, como era de natural benigno, e gostava de galantear, logo suppôz que aquelle fosse do algum extravagante humor; visto que a natureza mui-tissimas vezes costuma infandir em semelhantes corpos monstruosos certos particulares, que não reparte com todos assim largamente; pelo que, sem alguma alteração, antes mui agradavelmente, começou ElRei a interroga-lo desta maneira :

*Conversação entre ElRei e Bertoldo.*

*Rei.* Quem és tu, quando nasceste, de que terra és?

*Bert.* Eu sou hum homem; nasci quando minha Mãi me pario; e a minha terra

he este mundo. *R.* Quem são os teus ascendentes, ou descendentes?

*B.* Os feijões, que, servendo ao lume, sóbem, e descem acima, e abaixo pela panella.

*R.* Tens tu Pai, Mãi, Irmãos, e Irmãs?

*B.* Tenho Pai, Mãi, Irmãos, e Irmãs, mas todos estão mortos.

*R.* Como os tens tu, se já morrerão?

*B.* Quando eu sahi de casa, deixei-os todos dormindo, e por isso te digo que todos estão mortos, porque de hum que dorme a hum defunto, pouca differença faço; tanto assim, que o somno se chama irmão da morte.

*R.* Qual he a cousa mais ligeira que ha?

*B.* O pensamento.

*R.* Qual he o melhor vinho que lia?

*B.* O que se bebe em casa alheia.

*R.* Qual he aquelle mar, que nunca se enche?

*B.* A cobiça do homem avarento.

*R.* Qual he a cousa mais feia, que se acha em hum moço?

*B.* A desobediencia.

*R.* Qual he a cousa mais feia, que está em hum velho?

*B.* A lascivia.

( 3 )

R. Qual he a cousa mais feia , que está em hum mercado?

B. A mentira.

R. Qual he aquella gata , que por diante te lambe , e por detrás te arranha?

B. A mulher mandana.

R. Qual he o maior fogo , que ha em casa?

B. A mulher impertinente , e a ruim lingua do criado.

R. Quaes são as enfermidades incuraveis?

B. A loucura , o cancro , e as dividas.

R. Qual he o filho , que queima a lingua a sua Mãe?

B. A torcida da candeia.

R. Como fizeras , para trazer-me agua em hum crivo , e não a entornar?

B. Esperaria o tempo da neve , e depois t'a traria.

R. Quaes são aquellas cousas , que o homem busca , e não quizera acha-las?

B. Os piolhos na camiza , os calcanhares rotos , e o necessario çujo.

R. Como fizeras , para apanhar huma bre sem correr?

B. Esperaria que estivesse cozida , e depois a apanharia.

R. Tu tens bons miolos , se elles se podessem vêr.

*B.* E tu terias huma bella feição, se não comesses.

*R.* Ora pois, pede-me o que quizeres, que eu estou aqui prompto para dar-te tudo o que me pedires.

*B.* Quem não tem para si, mal pôde dar a outrem.

*R.* Porque? Não posso eu darte o que desejares?

*B.* Eu procuro felicidade, e tu não a tens, logo não m'a podes dar.

*R.* Que! Não sou eu feliz, estando assentado neste alto Throno, como me vês?

*B.* Quem mais alto se assenta, mais arriscado está para cahir, e precipitar-se.

*R.* Olha quantos Senhores, e Barões me estão rodeando, para obedecer-me, honrar-me.

*B.* Tambem os formigões estão ao redor da sôrva, e lhe roem a pelle.

*R.* Eu resplandeço nesta Corte, assim como resplandece o Sol entre as miudinhas Estrellas.

*B.* Dizes bem; mas eu vejo muitas offuscadas da adulação.

*R.* Ora bem; queres tu ser homem de Corte?

*B.* Não deve procurar grilhões, quem se acha em liberdade.

*R.* Pois que motivo te obrigou a vir cá?

*B.* O cuidar que hum Rei fosse dez, ou doze pés mais alto que os outros homens, e que entre elles tivesse a mesma eminencia, que tem as torres dos sinos sobre as casas; mas eu vejo que tu és hum homem ordinario, como os outros, com tudo que sejas Rei.

*R.* He verdade, que sou ordinario de estatura; mas de poder, e riqueza sou mais agigantado entre os outros homens, não só dez pés, mas cem, e mil braças; porém quem te manda intrometter nestas razões?

*B.* O burro do teu Feitor.

*R.* Que tem que fazer o burro do meu Feitor com a grandeza da minha Corte?

*B.* Primeiro que tu fosses Rei, e que a tua Côrte fosse Côrte, já o burro tinha fallado quatro mil annos antes.

*R.* Ah, ah, ah; oh esta sim, que he para rir!

*B.* O riso sempre he abundante na boca dos doudos.

*R.* Tu és hum villão mui malicioso.

*B.* A minha natureza assim me fez.

*R.* Ora vamos: eu te ordeno, que já já tires da minha presença, senão mandarei deitar fóra de outra sorte mais ruim, e vergonhosa.

*B.* Eu me irei, sim; mas adverte que as moscas tem por instincto, ainda que as deitem fóra, tornar logo; assim, se me fizeres mandar embora, tambem eu tornarei novamente a molestar-te.

*R.* Ora vai, e se não tornas a vir á minha presença, como fazem as moscas, te mandarei cortar a cabeça.

*Astucias de Bertoldo.*

Foi-se Bertoldo: e indo para casa, tomou hum burro velho que tinha, todo esfolado nas ancas, e nas ilhargas, e quasi comido de moscas; e montando em cima d'elle, tornou novamente a Palacio, levando comsigo huma immensidade de moscas, e de vespas, que todas juntas fazião huma grande nuvem, de sorte que apenas se via; e chegando diante d'El-Rei, lhe disse:

*B.* Eis-aqui torno á tua presença.

*R.* Não te disse eu, que se tu me tornasses a apparecer de outra sorte, senão como fazem as moscas, te faria separar a cabeça do corpo?

*B.* Por ventura não andão as moscas sobre os burros podres?

*R.* Andão; e por isso . . . .

*B.* E por isso eis-aqui, que eu venho em cima de hum burro todo esfolado, e carregado de moscas, como tu estás vendo, de fôrma que já o tem comido quasi todo e a mim tambem: logo pois não tenho feito o que prometti?

*R.* Tu és hum grande homem. Ora vai que eu te perdoo; e vós, ó lá, levai-o a comer.

*B.* Não deve comer, quem ainda não acabou a obra.

*R.* Porque, tens tu ainda mais que dizer-me?

*B.* Ainda eu não comecei.

*R.* Muito bem. Ora deita fôra esse animal pestilento; e tu retira-te alguma coisa para essa parte, porque vejo vir duas mulheres, que devem querer lhe dê audiencia; e logo que as tiver despedido, tornaremos a conversar.

*B.* Em fim, eu me vou; mas procura dar sentença justa.

*Demanda entre duas mulheres.*

Vierão pois as duas mulheres diante d' ElRei, huma das quaes tinha furtado hum espelho á outra; aquella, de quem era o espelho, se chamava Aurelia; e a outra,

que o tinha furtado, se chamava Liza, a qual tinha o espelho na mão; e Aurelia; queixando-se a ElRei, disse:

*Aurelia.* Sabei, Senhor, que esta mulher hontem á noite entrou na minha camara, e me roubou aquelle espelho de vidro, que tem na mão: eu lho pedi repetidas vezes; ella o nega, e não m'ò quer restituir, e por isso peço justiça.

*Lisa.* Isto não he verdade; antes ha alguns dias, que eu o comprei do meu dinheiro: não sei como esta mulher tenha tanto atrevimento de pedir o que não he seu.

*Aur.* Ah! justissimo Rei, não deis credito ao que esta mentirosa vos diz; porque ella he huma ladra pública, não tem consciencia, e saiba Vossa Magestade, que eu não me exporia a pedir o que não he meu por quantas riquezas ha no mundo.

*Lis.* Oh que consciencia de Misser Chapelote! Ella sabe muito bem fazer crer, que lhe assiste toda a razão; e quem se fiasse em vós, ó irmã, não saberia achar outra melhor? Mas nós estamos diante de hum Juiz, que conhecerá a minha innocencia, e a vossa falsidade.

*Aur.* Oh terra! Porque não te abres pa-

ra engolir esta maliciosa invencioneira, que tão descaradamente nega o que he meu; e de mais se empenha em querer dar a entender, que tem razão, e que eu minto! Oh Ceo, mostra tu a verdade deste facto!

*Sentença justa d'ElRei.*

Ora basta: aquietai-vos que eu vos consolarei; tomai esse espelho, despedaçai-o miudamente, e dem-se tantos pedaços a huma como a outra, e assim ambas ficarão contentes.

*Lis.* Eu me satisfaço; porque desta sorte se acabará a contenda entre nós, e não teremos mais bulha huma com a outra.

*Aur.* Não, não; dê-se embora todo inteiro a ella, mais depressa do que quebra-lo; porque eu não poderia supportar ver quebrado hum espelho tão bonito; e talvez algum dia os remorsos da consciencia a obrigarão a restituir-mo; e assim melhor he que ella o leve inteiro para sua casa, e fique aqui acabada a contenda.

*Lis.* A sentença d'ElRei he a que me agrada; quebre-se o espelho em pedaços, porque assim cessarão as bulhas entre nós; com que vamos ao facto.

*Prudencia d' El Rei.*

Ora eu conheço verdadeiramente, que o espelho he desta, que não quer que seja despedaçado; pois no pranto, nas lagrimas, e nas supplicas que faz, mostra claramente que he sua dona, e que estoura lho tirou: seja pois a ella dado o espelho, e a outra mande-se daqui para fóra indecorosamente.

*Bertoldo rindo-se desta sentença diz a El Rei.*

*B.* Isto não he ter bom conhecimento.

*R.* E porque não he bom conhecimento?

*B.* Tu por ventura dás credito ás lagrimas das mulheres?

*R.* E porque lhas não hei de crer?

*B.* Não sabes tu, que o seu pranto he hum engano e que cada cousa que ellas fazem, ou dizem he com artificio? De sorte que quando chorão com os olhos, riem com o coração; suspirão na presença de hum, e logo na ausencia fazem delle zombaria, fallão o contrario daquillo que cuidão; e por isso ás lagrimas que deitão, as afflicções que affectão, as mudanças do resto, tudo são enganos, que tem no pensamento, para satisfazerem

os seus ambiciosos , e insaciaveis desejos.

*Louvor que o Rei dá ás mulheres.*

*R.* Tanto tem as mulheres de bondade, de entendimento, e de prudencia, quanto são sem razão todas estas cousas, que tu lhes attribues: e se por acaso huma peca por fragilidade, deve-se-lhe dar desculpa; porque ellas são mais fracas e mais faceis em cahir nestes defeitos, do que os homens. Porém dize-me: não pôde dizer-se, que está morto aquelle que vive separado de tal sexo? Em primeiro lugar a mulher ama a seu marido, cuida nos filhos, ella os cria, os nutre, acostuma-os bem, e lhes dá toda a boa educação: a mulher governa a casa, tem cuidado na roupa, e nos trastes, he guarda da familia, vigia que as criadas fação a sua obrigação, e toma á sua conta o livrar a casa de desordens: a mulher he agradavel no praticar, nobre no conversar, no contractar, e discreta no ordenar: prompta na obediencia, honesta nas suas palavras, modesta no procedimento, moderada no comer, parca no beber, mansa com os de casa, e tractavel com os de fóra: E se huma cabe em algum frenesi, ou humor

extravagante, ha pelo contrario mil, que são honestissimas, e de bem; pelo que para mim tenho, que foi justa a sentença que dei.

*B.* Sem dúvida bem se vê, que tu amas muito as mulheres, e que por isso fizeste em seu louvor este grande elogio. Ora que dirás, se eu te fizer desdizer tudo quanto a favor dellas tens dito, ainda á manhã, antes que te vás deitar?

*R.* Se tu tal fizeres, confessarei que és o primeiro homem do mundo; mas se o não observares, tem por certo, que te mando enforcar.

*B.* Está bem, Adeos até á manhã.

Desta fórma, sendo já tarde, ElRei se retirou á sua Camara, e Bertoldo, depois de cear, foi tambem deitar-se aquella noite na estrebaria, fantaseando entre si por qual modo faria, que ElRei exaggerasse o contrario do que tinha dito a favor das mulheres; e, dando em huma boa astucia, dormio com todo o sosiego, esperando o dia para pôr em execução o seu designio.

### *Astucias de Bertoldo.*

Chegada a manhã, levantou-se Bertol-

do da palha, e foi procurar aquella mulher, a favor da qual tinha ElRei dado a sentença, e lhe disse:

*B.* Tu não sabes o que ElRei tem determinado?

*Aur.* Eu nada sei, se tu o não dizes.

*B.* Pois sabe, que elle ordenou, que o espelho fosse despedaçado, como primeiro tinha dito, e que se desse ametade dos pedaços á outra, porque esta appellou da sentença; e como ElRei não quer ouvir maiores queixas sobre este negocio, manda que se conclua, satisfazendo a humá, e a outra.

*Aur.* Como pôde ser, que ElRei tenha tomado tal resolução, se elle já sentenciou, que o espelho me fosse restituído são e inteiro? Ah! tu zombas de mim: vai-te daqui embora.

*B.* Eu não zombo certamente. Elle assim o disse, e eu o ouvi da sua propria bôca.

*Aur.* Ai de mim! Que ouço? Fará talvez isto para dar satisfação áquella maliciosa mulher? Oh que justa sentença! Oh que nobre acção de hum Monarcha! Oh pobre justiça como te administrão bem, se no dia de hoje mais se crê a mentira, que a verdade! Oh coitada de mim!

Será em fim necessario, que te veja em pedaços; meu rico espelho! uh, uh, uh, Chora.

*B.* Prôvera a Deos, que peor não fôra.

*Aur.* E que pôde haver peor para mim, mais que isto?

*B.* Elle ordena por sua Lei, que cada homem haja de casar-se com sete mulheres; ora ve tu, que destruição será para as casas com tantas mulheres.

*Aur.* Como! Elle quer que cada homem tome sete mulheres? Oh! isto he muito peor, de que se mandasse despedaçar quantos espelhos ha na Cidade. Que doudice he esta, que se lhe metteo na cabeça?

*B.* Eu não sei dizer-te mais do que isto, que da sua propria bôca ouvi: agora toca a vós o defender-vos, antes que o mal corra mais adiante.

E tendo-lhe assim deitado esta pulga no ouvido, deixou-a só, e foi-se outra vez para o Paço, esperando ouvir alguma grande novidade, antes que anoute-cesse.

*Tumulto das mulheres da Cidade, causado por Bertoldo.*

Tendo-se ido Bertoldo, Aurelia, que

cuidou fosse verdade o que elle tinha dito, foi logo buscar as suas visinhas, e lhes communicou tudo; e ouvindo ellas taes cousas, ficárão tanto fóra de si de raiva e de furia, que começárão logo a bramir por toda a parte; e em menos de huma hora se espalhou a novidade por toda a Cidade, de sorte que se ajuntárão mais de mil mulheres; e depois de terem consultado hum bom pedaço sobre a materia, resolverão ir procurar ElRei, e diante delle gritar tanto, e fazer tanto motim, que finalmente obrigado da importunidade dellas, tomasse o expediente de mandar revogar a Lei novamente imposta; e assim todas enfurecidas, e cheias de cólera forão ao Paço, aonde todas juntas se puzerão a fazer os maiores ruidos, e gritos do mundo, de tal modo, que ElRei se vio quasi doudo porque não sabia a causa de tão grande tumulto; e todo attonito, e cheio de admiração, não podendo já supportar tão grande insolencia, arrebatado de ira, e de desdem, pôz de parte a paciencia.

*ElRei se enfurece contra as mulheres, e Bertoldo o estima.*

E voltando áquellas mulheres, lhes dis-

se com cara enfadada : Que novidade he esta , que estou vendo ? Donde procede esta sublevação ? Quem vos causa tanta cólera ? Donde nasce tanta bulha ? Porque fazeis tanto ruido ? Por ventura estais endemoninhadas ? Que he o que tendes ? Dizei-o em má hora , mulheres do diabo.

*Mulh.* Que vaidade he a tua ó Rei ? Que loucura se te metteo na cabeça ? ( responde huma das mais affoutas e raivosas. ) Que frenesi te obriga , ou como te pertence ordenar , que cada homem se case com sete mulheres ? Oh que nobres considerações de hum Monarcha discreto ? Porém sabe , e tem por certo , que nisto não serás obedecido.

*R.* Que he o que dizeis , loucas ? Fallai mais baixo , de sorte que vos entenda , e então vos responderei.

*Mulh.* Que fallemos baixo ? Antes sería necessario tirar-te desse Throno Real , onde estás assentado , e tirar-te fóra ambos os olhos.

*R.* Que injúrias , e que desprazer vos tenho feito ? Dizei claramente , cadellas raivosas , o que pertendeis , e não vos suffoqueis tanto.

*Mulh.* Não o dissemos já huma vez ?

*R.* Eu não vos entendi : tornai a dizer.

*Mulh.* Não ha peor surdo , do que aquelle que não quer ouvir. Nós tornamos a dizer, que tu fizeste hum grande erro em ordenar por Lei, que cada homem haja de conjugar-se com sete mulheres, e que tu deverias cuidar nos negocios do teu Reino, e não intrometter-te naquelles, que não te pertencem; entendeste agora ? Melhor sería, que fizeses com que cada mulher podesse desposar sete maridos; pois isto sería mais conveniente. Mas bem se vê, que não tens nenhum juizo, e que és hum doudinho.

*El Rei manda embora as mulheres, e exaspera contra o sexo feminino.*

Ah sexo ingrato, e descortez! Quando ordenei eu tal Lei? Ide-vos já já da minha presença em má hora, desavergonhadas, importunas; pois agora conheço claramente, que o nome de mulher não significa mais que mal, e damno; e o de femea, fera que semea discordias, e inquietações, que da casa donde ella se vai, leva atraz de si quanto póde com a cauda: e onde entra, deita chammas, e fogo; ella he huma fonte de enganos, e de traições; hum labyrintho infernal, no qual

continuamente se ouvem os prantos, e as queixas lamentaveis dos maridos; as ruínas dos Pais, tormentos, açoutes dos irmãos, vergonha dos parentes, perdição das casas; e finalmente são pena, e afflicção de todo o genero humano. Ide-vos por huma vez com mil diabos, e não torneis a apparecer mais diante de mim, espiritos infernaes, gente endiabrada. Vêde lá que motins, que desbarates tem feito estas dondas soltas, sem motivo de nada; porém se eu chegar a saber quem foi o auctor desta novidade, não tenha medo, eu lhe darei bem o pago, como elle merece. Graças ao Ceo, que huma vez acabárão de ir-se estas insolentes, que pouco faltou para me tirarem os olhos com os dedos.

Depois que as mulheres se forão, e que ElRei estava algum tanto mais pacificado, Bertoldo, que tinha estado de parte oscutando tudo, como o seu designio teve o effeito que desejava, sahio á presença d'ElRei, rindo-se, e lhe disse:

*B.* Que dizes agora, Rei? Não disse eu, que antes de hoje te ires deitar, lerias o livro ás avessas daquillo, que hoje tem elogiastes a favor das mulheres? Ou vê se ellas te desenganárão.

*R.* Oh que humores diabolicos! Ir procurar invenção, para dizer, que eu tinha ordenado, que cada homem houvesse de casar com sete mulheres, cousa que nunca imaginei, nem meos me passou pelo sentido. Oh que mulheres malditas! Oh que casta má!

*B.* Tu lembras-te das promessas, que ha entre nós?

*R.* Tens razão; vem, e assenta-te comigo neste Throno Real, pois que o mereceste.

*B.* Não podem caber quatro nadegas em o mesmo assento.

*R.* Eu mandarei fazer outro junto a este; para tu te assentares, e darás comigo audiencia.

*B.* Amor, e Soberania não querem companhia; e assim governa tu só, que és Senhor.

*R.* Eu suspeito que tu tenhas sido o auctor desta bulha.

*B.* Dizes a verdade; mas não me podes castigar, porque eu procurei, como pude, observar quanto tinha promettido.

*R.* Ora bem: já que esta invenção foi tua, eu te perdoo; porém, dize-me, como tecestes esta malicia?

*B.* Eu fui a casa daquella mulher, e

quem tu concedestes o espelho, e lhe metti na cabeça, que querias outra vez se despedaçasse, e que se dêsse ametade á sua adversaria; e de mais, que tinhas ordenado houvesse de ter cada homem sete mulheres, de sorte que transportada de cólera por estas novidades, ajuntou aquelle grande numero de mulheres, que viste, e fizeram o motim, que ouviste.

*El Rei se arrepende de ter dito mal das mulheres, e torna outra vez a gaballas.*

Tu és hum grande inventor, mas de malicia: hoje bias quasi causando huma desordem. E como não havião de ter huma, e mais de mil razões aquellas mulheres, para se pôem contra mim! Eu não podia crer, que o seu sexo tivesse perdido tanto de repente o juizo, de sorte que fizessem tão grandes alaridos, sem terem mui justificados motivos para isso; e que maior o podião ter do que este, que tu lhes dêsse de se irritarem contra mim? He certo que não, e a mim igualmente dêsse causa de dizer contra ellas o que não quizera ter dito, nem por todas as riquezas do mundo; pois já me arrependo, e me peza muito disso, e tor-

no novamente a dizer, que o homem sem a mulher he como: hum vinha sem cepa, hum jardim sem fonte, rio sem barca, prado sem flores, bosques sem folhas espiga sem trigo, arvore sem fructo, cidade sem praça, castello sem guarnição, palacio sem janellas, torre sem escada, rosa sem cheiro, anel sem pedra, pinheiro sem sombra, mar sem peixe, flores sem plantas; e finalmente, todo aquelle, que se acha sem esta agradavel companhia, póde dizer-se, que he hum espelho sem luz, e hum diamante, que não brilha.

*B.* E tambem hum burro sem cabeça.

*R.* Tu sim, que és essa insolente besta.

*B.* Conheceste-me logo á primeira: ora como eu vejo que protejes tanto as mulheres, não quero que fallemos mais nisto, o passado passado.

*R.* Quem quer ser meu amigo, não diga mal das mulheres, porque ellas não fazem mal a ninguem, não trazem armas, não armão bulhas, mas são todas mansas, socegadas, benignas, quietas, amaveis, adornadas de todas as virtudes, e por isso não queiras incitar outra vez o meu desdem contra ellas; porque, se o fizerdes, te mandarei dar o castigo, que mereceres.

*B.* Eu prometto de não tocar mais nas cordas desta viola; cuidaremos em outras cousas, e seremos amigos.

*R.* Sim, porque diz o ditado: Não contendas com homem potente, e está arredado da agua corrente.

*B.* Tambem da agua que não corre: porque homem mudo engana tudo.

*A Rainha manda pedir a ElRei, que quer ver Bertoldo.*

Em quanto estava assim fallando familiarmente ElRei com Bertoldo, chegou hum criado da Rainha, o qual disse a ElRei, que ella desejava ver Bertoldo, e pedia a S. Magestade lho mandasse; e que como tinha ouvido dizer, que elle tomava por divertimento zombar das mulheres, tinha feito tenção de lhe urandar moer bem o corpo com hum bastão.

Ouvindo ElRei o peditorio da Rainha se voltou a Bertoldo, e lhe disse: A Rainha manda-me pedir por este pagem, que te faça ir á sua presença, porque tem gosto de te vêr.

*B.* Os recados sempre se levão, tanto por bem, como por mal.

*R.* A consciencia sempre remorde os villões ruins.

*B.* O riso da Côrte não se dá bem com o do campo.

*R.* O innocente passa livre por entre as bombardas.

*B.* A mulher irritada, a lavareda ateada, e a frigideira furada, dão grande damno a huma casa.

*R.* Muitas vezes acontece a quem he culpado aquillo, que elle teme.

*B.* O camarão salta muitas vezes para fóra da frigideira, para fugir, e depois acha-se nas brazas.

*R.* Quem semea maldades, recebe males.

*B.* Debaixo da coisa está muitas vezes a linha encoberta.

*R.* Quem embarçou as linhas, que as desembarace.

*B.* Mal se podem desembaraçar, quando as pontas estão atadas.

*R.* Quem semeia espinhos, não ande sem çapatos.

*B.* Outra cousa he, ir hum metter-se onde a vontade repugna.

*R.* Vai, não tenhas medo, que ninguém te faça mal.

*B.* Ao bom confortador não dóe a cabeça.

*R.* Temes por ventura que a Rainha te faça algum desprazer?

*B.* Mulher raivosa, tempestade furiosa.

*R.* A Rainha he toda boa, e não deseja mais que ver-te, e assim fia-te em mim.

*Bertoldo he conduzido diante da Rainha.*

Desta sorte levárão Bertoldo diante da Rainha, a qual tendo sabido, como se disse, que elle era o que tinha feito aquella peça ás mulheres no dia antecedente, tinha feito preparar alguns bastões ás suas Camaristas, que quando o colhessem naquella camara, o fechassem dentro, e lhe sacudissem bem o pó da casaca. Logo que ella o vio, olhando para aquella monstruosa presença, toda enfadada, lhe disse: Olhai: que focinho de porco!

*B.* O gato começa-me a miar ao redor da tigella.

*Rain.* Como te nomeas tu?

*B.* Eu não nomeio a ninguem.

*Rain.* Como te chamas?

*B.* Quem me chama eu lhe respondo.

*Rain.* Como he o teu apellido?

*B.* Eu não me lembro, que tenha sido nunca pellado.

Em quanto a Rainha interrogava a Bertoldo, huma das suas servas trouxe escondido

didamente hum vaso cheio de agua, para lha deitar pelas costas; mas o villão a-tuto, tendo-o presentido, estava com o olho bem attento, e logo lhe occorreo ao pensamento huma nova astucia, continuando a fallar com a Rainha.

*Astucias de Bertoldo para que o não molhassem por detrás.*

*Rain.* Como sabes tu tantas astucias, que pareces hum feiticeiro! —

*B.* Todas as vezes, que me agôão o traizeiro, sei advinhar todas as cousas; e sei se huma mulher anda de amores com algum, se teve contractos com algum homem, se he honesta, ou impudica; e finalmente advinho tudo: com que, se houvesse quem me quizesse molhar por detrás, eu saberia dizer agora tudo.

*Bertoldo livra-se da peça da agua.*

Neste tempo aquella criada, que tinha trazido o vaso com agua para o molhar, ouvindo tâes palavras, o levou outra vez de vagar, temendo, que se lhe não descobrisse alguma mácula; e nenhuma das outras se atreveo a fazer-lhe alguma peça; porque todas tinhão, como se costuma dizer, algum trapo ensacado; mas

a Rainha, que se abrazava em raiva contra elle, mandou que cada huma das criadas tomasse seu bordão, e lhe dêssem quantas pancadas podessem; e com esta faculdade se forão todas a elle com maior impeto do que aquelle, com que as furiosas Bacantes accommettêrão o miseravel Orpheo; mas vendo-se o pobre Bertoldo em tão grande perigo, lhe occorreo outra astucia; e voltando para ellas, lhes disse

*Nova astucia de Bertoldo, para livrar-se das pancadas.*

B. Aquella, que tem premeditado deitar veneno nos comeres d'ElRei, seja a primeira a pegar no pão para me dar com elle, que eu me satisfaço.

Então todas se pozerão a olhar huma para as outras, dizendo: Eu nunca tive semelhante tentação; nem eu, respondeu a outra; e assim huma depois da outra disserão todas o mesmo, até a Rainha de tal sorte, que tornárão a pôr os pães no seu lugar, e o bom Bertoldo ficou por então livre daquellas terriveis pancadas.

*A Rainha quer que Bertoldo seja basto  
nado em todos os modos.*

A Rainha, em quem cada vez mais

augmentava a ira contra Bertoldo, querendo que por todos os modos levasse boa carga de pão, mandou dizer aos seus Archeiros que, quando elle sahisse, o moessem como devia ser, sem alguma remissão; e logo o mandou embora acompanhado de quatro dos seus criados, para que estes lhe trouxessem depois a novidade que tivesse succedido.

*Subtil astucia de Bertoldo, para não ser maltratado de pancadas pelos Archeiros.*

Quando Bertoldo vio que por nenhum modo podia fugir, recorre ao seu costumeo entendimento, e voltando-se para a Rainha, lhe disse: Já que vejo claramente, que não me queres perdoar as pancadas, peço-te em cortesia, que me faças huma graça: a minha petição he justa, e tu podes faze-la, pois com tanto que eu leve as pancadas, o mais não te importa: dize a estes teus servos que me venham acompanhar, que digão aos Archeiros, que tenham respeito á cabeça, e que não me mais dem quanto quizerem.

A Rainha, não entendendo a metáfora, ordenou aos criados, que dissessem aos Archeiros, que tivessem respeito á cabeça, e que no resto dessem quanto po-

dessem; e assim forão os criados para onde estavam os guardas, levando Bertoldo adiante; e como elles já estavam preparados com os bastões nas mãos, para lhe fazerem aquella obra pia, Bertoldo se poz a caminhar adiante dos outros com passo largo; de sorte que se separou delles hum bom pedaço, e quando aquelles que o acompanhavão, virão os guardas promptos para o trabalho, e que elle hi chegando aonde elles estavam, se puzerão assim de longe a gritar, que tivessem respeito á cabeça, e que no resto fizessem a sua obrigação, como devia ser, — por assim o ter ordenado a Rainha.

*Os criados levão as pancadas em lugar de Bertoldo.*

Os guardas vendo Bertoldo diante dos olhos, cuidando que elle fosse cabeça dequelle rancho, o deixárão passar, sem lhe fazerem alguma afronta; e logo que forão chegados os criados, se puzerão a malhar nelles com aquelles páos, de maneira, que lhes quebrárão os braços, e cabeças; e apenas se acharia membra em que as pancadas dos páos não tivessem deixado signal do seu effeito. Quando os miseraveis se virão em tão deploravel

tado, forão como poderão assim derreados, e massados diante da Rainha, a qual ouvindo que Bertoldo tinha escapado com aquella astucia, e que os seus criados forão maltratados daquella sorte, em lugar d'elle, se lhe augmentou incrível raiva; e desdem contra Bertoldo, e jurou que se havia de vingar; mas por então occultou a ira, esperando outra occasião para a desabafar, e no emtanto mandou curar os servos, que tinhão sido, como se costuma dizer, bem convidados por festa.

*Bertoldo torna á presença d'ElRei, e faz huma bella peça a hum Cortezão.*

Chegado o outro dia, logo se foi enchendo a Sala do Paço de Cavalheiros, e Barões, segundo o costume: Bertoldo não faltou em apparecer tambem, o qual foi chamado por ElRei, e logo que o viu, lhe disse:

R. Ora pois como passou o negocio com a Rainha?

B. Da borda ao çapato pouca vantagem houve.

R. O mar estava mui bravo?

B. Quem sabe bem navegar, passa com toda a segurança qualquer golfo perigoso.

R. O Ceo ameaçava grande tempestade?

*B.* A tempestade descarregou nas costas de outrem.

*R.* Que! cuidas que já está sereno?

*B.* Eu deixei o Ceo muito nublado.

*Insolencia de hum Cortezão.*

Neste tempo, hum Cortezão, que estava ao pé d'ElRei, e tambem servia de Bobo, o qual se chamava Fardete, por ser pequeno, e gordo, com a cabeça calva, disse a ElRei: Faze-me, Senhor, a graça de permitir-me que eu converse hum pouco com este villão; e veremos se o faço desconfiar. Responde-lhe ElRei: Faze o que te parecer; mas olha não te succeda, como succedeo a Callado, qual foi para rapar, e veio rapado. Não não, (replicou Fardete) eu não tenho medo d'elle; e voltando-se para Bertoldo com hum modo extravagante, lhe disse *Fardete*. Que dizes tu codorniz, que cahiste do ninho?

*B.* Com quem fallas tu, pinto dependado?

*Fard.* Quantas legoas são da Lua aos banhos de Lucca?

*B.* Quantas fazes tu do caldeirão de sopa á estrebaria?

*F.* Por que motivo a gallinha põe ovo branco?

*B.* Por que causa o açouté d'ElRci te faz negras as faces do rabo?

*F.* De quaes ha maior número, de Turcos, ou de Judeos?

*B.* Quaes são mais, os que tu tens na camiza, ou os da barba?

*F.* O villão, e o burro nascerão ambos de hum parto.

*B.* O lambaz, e o porco comem ambos na mesma tigella?

*F.* Que tempo ha, que não tens comido nabos?

*B.* Que tempo ha que não te derão cobertor?

*F.* E's tu hum novilho, ou huma ovelha?

*B.* Não mettas na dança os teus parentes.

*F.* Quando acabarás de deixar as tuas astucias?

*B.* Quando tu deixares de lamber os pratos da cozinha.

*F.* Ao villão não se metta páo na mão.

*B.* Ao porco, e á rã não se tire o lodo.

*F.* O corvo nunca trouxe boa nova.

*B.* O francelho, e o milhafre sempre vão atrás dos burros podres.

*F.* Eu sou hum homem de bem, e bem nascido.

*B.* Quem se gaba, çuja-se, e nunca se lava.

*F.* O villão he máo animal.

*B.* E o adulator he feio monstro.

*F.* Nunca se vio o villão sem malicia.

*B.* Nunca se vio gallo sem crista, nem Cortezão sem adulação.

*F.* Os teus çapatos arreganhão os dentes.

*B.* He que se estão rindo de ti, porque és huma besta.

*F.* As tuas meias estão todas remendadas. .

*B.* Melhor he ter remendos nas meias, do que na cara, como tu os tens.

Tinha Fardete muitos signaes na cara de taponas, que lhe derão por seu merecimento: e por isso, quando sentio tocar-lhe no vivo, não sabendo que responder, se fez encarnado com o fogo da vergonha, em tal modo, que toda a Corte se poz a rir deste successo, e elle se foi calando, e de boa vontade se tivera ido, se aquelles Cavalheiros lho não impedissem; mas Bertoldo, que por ter fallado muito, tinha a bôca cheia de cuspo, e não sabendo aonde havia de cuspir, porque estava a sala toda cheia de tapeçarias de seda, e ouro, disse a ElRei: Donde queres que eu cuspa? Respondeo ElRei: Cospe na praça. Então Bertoldo

chegando-se para Fardete, que, como já disse, era calvo, lhe cospio no meio da cabeça. Fardete ficou enraivecido fêramente, e se queixou a ElRei da injúria, que lhe tinha feito na sua presença; mas Bertoldo logo repentinamente disse: ElRei me deo licença que cuspiisse na praça; qual melhor podia achar que a tua cabeça? Não diz o ditado: Cabeça calva praça de piolhos! Eis-aqui pois que não commetti nenhum erro; porque cuspi na praça, como ElRei me mandou. Toda a Côrte deo razão a Bertoldo; e Fardete, cossando a cabeça, foi necessario que tivesse paciencia; e bem quizera não ter-se intromettido com Bertoldo, para não ver todos rirem-se delle, como lhe succedeo; pois como se jactava, e presumia ter elevado engenho, e dava cantigas a quem lhas pedia, todos tiverão grande gosto de o vêr, que não ousava levantar os olhos por vergonha, e que de exasperação quasi se queria enforçar. Como era noite, ElRei se despedio dos Senhores, e Barões; e disse a Bertoldo, que tornasse á sua presença no dia seguinte, mas que não fosse nú, nem vestido.

*Astucias graciosa de Bertoldo no ir á  
presença d'ElRei, do modo que lhe  
tinha dito.*

Chegando a manhã, Bertoldo appare-  
ceo diante d'ElRei, embrulhado em hu-  
ma rede de pescar; e vendo-o ElRei da-  
quelle modo, lhe disse: *R.* Porque vens  
aqui desta fórma?

*B.* Não disseste tu, que tornasse a vir  
esta manhã á tua presença, e que não  
havia de estar nem nú, nem vestido?

*R.* Sim, disse.

*B.* Pois eis-aqui me vês embuçado nes-  
ta rede, com a qual cubro parte dos  
membros, e parte ficão descobertos.

*R.* Onde estiveste até agora?

*B.* Onde eu estive já não estou, e  
onde estou agora ninguem póde estar,  
senão eu.

*R.* Que faz teu Pai, tua Mãi, teu Ir-  
mão, e tua Irmã.

*B.* Meu Pai de huma mulher faz duas;  
minha Mãi faz á sua vizinha o que nun-  
ca mais lhe fará; meu Irmão quantos acha  
todos mata; e minha Irmã chora daquil-  
lo de que todo este anno andou rindo.

*R.* Explica-me esta mistura de grelos.

*B.* Meu Pai no campo desejando fechar

hum caminho, lhes está pondo espinhos, de sorte, que quem costumava passar por elle, agora he necessario que passem huns de cá, e outros de lá do lugar onde estão os espinhos; e assim de hum só caminho, que havia faz dous. Minha Mãi está fechando os olhos a huma sua visinha que morreo, o que nunca mais lhe tornará a fazer. Meu Irmão está ao Sol catando os piolhos da camiza, e mata quantos acha. Minha Irmã todo este anno tem andado entretida com os seus amores, e agora chora na cama as dores do parto.

*R.* Qual he o dia mais comprido que ha?

*B.* Aquelle em que se está sem comer.

*R.* Qual he a maior loucura do homem?

*B.* O reputar-se por Sabio.

*R.* Por que motivo os cabellos da cabeça se fazem brancos primeiro que os da barba?

*B.* Porque os cabellos da cabeça nes-cêrão primeiro que os da barba.

*R.* Qual he aquelle filho, que arranca a barba a sua Mãi?

*B.* O fuzo.

*R.* Qual he aquella herva, que até os cégos a conhecem?

*B.* A ortiga.

*R.* Qual he aquella femea, que sempre dança na agua, e nunca lava os pés?

*B.* A barca.

*R.* Qual he aquelle, que se mette na prizão por sua vontade?

*B.* O bicho da seda.

*R.* Qual he a mais desgraçada flor que ha?

*B.* Aquella que sahe da pipa, quando se acaba o vinho.

*R.* Qual he a cousa mais desavergonhada que ha'?

*B.* O vento, que se mette até debaixo das saias das mulheres.

*R.* Qual he aquella cousa, que ninguem a quer em casa?

*B.* A culpa.

*R.* Qual he aquelle torto, que corta as pernas a todos os direitos?

*B.* A fouce de cegar o trigo.

*R.* Qual he a femea mais cheia que ha?

*B.* A masseira, em que se faz o pão.

*R.* Quantos annos tens tu?

*B.* Quem conta os annos, faz conta com a morte.

*R.* Qual he a cousa mais alva que ha?

*B.* O dia.

*R.* Ainda mais que o leite?

*B.* Mais que o leite, e tambem mais que a neye.

*R.* Senão me fazeis ver isso, te mandarei carregar bem de pancadas.

*B.* Oh infelicidade e miseria das Côrtes!

*Astucia particular do engenho de Bertoldo, para não levar arrochadas.*

Foi-se por tanto Bertoldo, e tomando huma bacia de leite, escondidamente a pôz na camara d'ElRei, e fechou todas as janellas. Era meio dia, quando ElRei entrou na camara, e como estava escura, tropeçou na bacia do leite, que ficou todo entornado pelo chão, e pouco faltou, que não cahisse debruços; e enfadado ao maior limite, fez abrir huma janella, e vendó aquelle leite deitado pelo chão, e a bacia, em que tinha tropeçado, se pôz a gritar, dizendo:

*R.* Quem me pôz aqui esta bacia de leite na minha camara, e fechou as janellas, para me fazer tropeçar?

*B.* Fui eu, para provar-te, que o dia he mais alvo, e mais claro do que o leite; porque se este fosse mais alvo que o dia, te daria luz, quando entraste na camara, e não tropeçarias na bacia.

*R.* Tu fizeste como hum villão, e a cada cesto achas sua aza; mas quem he este que aqui vem? Certamente he hum

pagem mandado pela Rainha, e tem humma carta na mão. Tira-te de parte, para que eu sabia o que me quer dizer.

*B.* Eu me tirarei, e o Ceo queira, que não seja para mim alguma triste nova.

*Humor fantastico, que se metteo na cabeça ás mulheres da Cidade.*

Veio o portador da carta, e depois de fazer a devida reverencia a ElRei, lhe entregou a mesma carta, cujo conteudo consistia, em que as matronas mais nobres daquella Cidade desejavão, e pedião livremente a Sua Magestade, que podessem ellas tambem ser admittidas com seus votos nos Conselhos, e regimen da Cidade, assim como praticavão os seus maridos; consultar, ouvir queixas, sentenciar, e em conclusão fazer o mesmo, que fazião os do Senado, e Magnates da Cidade; allegando, que havia muitos exemplos, de que outras do seu sexo tinhão governado Imperios, e Reinos com tanta prudencia, e talvez mais da que tiverão muitos Reis, e Imperadores passados; que tinhão sahido ao campo armadas, defendido os seus Estados valorosamente, e que por isso Sua Magestade não devia rejeita-las, mas acceitar a sua

proposição , fazendo-se participantes de quanto pedião , pois lhes parecia estranhavel , que os homens tivessem o dominio de todas as cousas , e ellas fossem tidas em nenhuma consideração ; e no fim alludião , que saberião conservar o segredo nas cousas de importancia , tanto quanto os homens , e talvez mais , e a Rainha he a que fazia as mais fortes instancias para o bom despacho deste negocio , que muito lhe recomendava . Tendo lido ElRei a carta , e percebido a louca petição destas mulheres , não sabia que resolução devia tomar ; e chamando Bertoldo , lhe communicou tudo o que passava , de que elle pondo-se a rir com grande vontade , ElRei se enfadou de alguma sorte , e lhe disse :

*R.* De que te ris , selvagem ?

*B.* Eu rio por certo , e quem não risse agora , merecia lhe quebrassem os dentes .

*R.* Porque ?

*B.* Porque estas mulheres te conhecêrão por hum tollinho , e não por Alboino e por isso te fazem este louco peditorio .

*R.* Está nellas o pedir , e em mim o conceder .

*B.* Cóiado daquelle cão , que deixa lhe peguem no rabo com a mão .

*R.* Falla de sorte, que eu te entenda.

*B.* Pobres daquellas casas, em que as gallinhas cantão, e o gallo se cala.

*R.* Tu és como o Sol de Março, que commove, e não resolve.

*B.* A quem bem entende, poucas palavras bastão.

*R.* Acaba de tirar fóra do sacco o que me queres dizer.

*B.* Quem quer ter a casa limpa, não consinta frangas, nem pombas.

*R.* Falla a proposito tarraxa de carro: vamos á conclusão.

*B.* Quem entende, quem não entende, e quem não quer entender.

*R.* Quem se mette com carqueja, a sopa sabe a fumo.

*B.* Que queres tu finalmente de mim?

*R.* Eu quero que me dês nesta occasião o teu conselho.

*B.* A formiga pede agora pão á cigarra?

*R.* Sei que tu és homem de juizo, que sabes muitas invenções; e assim quero deixar ao teu arbitrio a deliberação deste negocio.

*B.* Se me dás esta faculdade, está certo que bem depressa te livrarei da matraca. Deixa-me cuidar a mim no remedio, que se estas mulheres tornarem a sal-

lar-te mais na historia, quero ser hum cão.

R. Ora bem , procura despedi-las o mais depressa que poderes.

*Astucia industriosa de Bertoldo, para tirar o capricho da cabeça ás mulheres.*

Foi logo Bertoldo á Praça, e comprou hum passarinho, o qual fechou em huma boceta, e o levou a ElRei, dizendo-lhe que mandasse aquella boceta assim fechada á Rainha, para que ella a fizesse entregar áquellas mulheres, commettendo-lhes expressamente de a não abrir; o que na manhã seguinte fossem á sua presença, levando a boceta da mesma sorte, que se lhes entregava; porque lhes seria concedida a graça, que pedião. Tomou o pagem a boceta, e a levou á Rainha a qual a entregou ás ditas matronas, que estavam na sua camara esperando a resposta, commettendo-lhe expressamente por parte d'ElRei, que de nenhum modo abrissem a dita boceta, e que tornassem com ella no dia seguinte, pois terião o despacho, que desejavão d'ElRei, á supplica; e assim se forão mui consoladas.

*Curiosidade das mulheres.*

Depois de se terem ido as mulheres do

Faço, logo as tentou hum excessivo desejo de ver o que estava dentro da bofetinha, dizendo humas: Vejamos nós o que se nos encerra aqui dentro. Outras dizião: Não façamos tal, porque temos ordem expressa de a não abrir: e pôde ser que dentro esteja alguma coisa de importancia para ElRei. Que pôde ser finalmente? (dizião as mais curiosas) E quando nós a abramos, não podemos por ventura torna-la a fechar, como está. Sim, sim; abra-se, esteja dentro o que estiver.

*Resolução das mulheres para abrirem a caixinha.*

Por fim, depois de muitas razões e debates, que houverão entre ellas, resolverão abri-la, e apenas tinham tirado a tampa, que o passarinho, conhecendo a sua liberdade, se valeo das azas, e voando ao ar, logo desapareceo, deixando áquellas mulheres a confusão, e o pezar da sua curiosidade, accrescentando-se o desgosto em não ter podido observar, que casta de passaro fosse, pela velocidade com que fugio; pois se o tivessem conhecido, sem dúvida farião todas as diligencias para achar outro semelhante, e assim levarem a boretta da mesma fór-

ma, que a tinham recebido, com o que não podia haver mal.

*Pezar das mulheres, por lhes ter fugido o passarinho, que estava na coixinha.*

Mas o demonio da sua curiosidade quiz que succedesse o contrario; pelo que ficárao todas tristes, e melancolicas, reprehendendo com mil exaggerações aquelle seu vicio natural. Coitadas de nós, (dizião) como teremos cara para apparecer diante d'ElRei, se desta fórma observâmos o que nos ordenou, não podendo ter huma só noite fechado o passarinho? Pobres miseraveis de nós? Qual animo será o nosso á manhã? Póde haver maior desconsoção, que esta? Assim passarão toda aquella noite na maior angustia e tristeza, não sabendo resolver, se havião de ir no dia seguinte á presença d'ElRei, ou deixarem-se estar em casa.

### *Resolução das mulheres animosas.*

Passada a noite, sendo já dia claro, levantarão-se as ditas mulheres, e se ajuntarão todas, que, como exasperadas, não sabião qual partido havião de tomar, para determinarem, se havião de ir á presença d'ElRei, mediante o erro

que tinham feito; e tambem estavam em d'úvida, se havião primeiro communicar o successo á Rainha: umas erão de parecer que sim, e outras que não; qual allegava razões differentes, qual alludia persuasivas, e finalmente depois de grandes, e contenciosos debates, sahio huma de entre ellas que tinha algum juizo mais que as outras, a qual fallou desta maneira: Para que estamos perdendo o tempo em fazer tantas paroladas? O crime já está feito, não se póde encobrir, nem emendar, senão com pedir perdão a ElRei, confessando-lhe tudo tal, e qual como succedeo; pois sendo-elle de natural benigno, principalmente com as mulheres, facilmente nos perdoará, e eu serei a fallar-lhe. Eia pois cobremos animo, segui-me todas, que isto não he nenhum homicidio; he hum passarinho, que em conclusão se compra com dez réis; e por elle ter voado não devemos perder tanto a coragem. Vinde comigo, e não tenhais algum receio. Outras dizião, que se enfadaria mais do acto de desobediencia, do que se lhe tivessem feito fugir quantos passaros estavam nas suas tapadas, e jardins. Finalmente volta para cá, e volta para lá, determinarão ir á

presença da Rainha, e narrar-lhe todo o facto, como fizerão.

*As mulheres se apresentam á Rainha, a qual as leva diante d'El Rei.*

Ouvindo a Rainha tal cousa ficou muito perturbada de animo, e não sabia que disse-se, nem o que havia de fazer, receando alguma grande desordem; com tudo fez todo o esforço, para disfarçar a oppressão que sentia, e levou á presença d'El Rei toda aquella comitiva de mulheres, que serão perto de trezentas, as quaes hão todas com os olhos fitos no chão cheias de vergonha. Chegada que foi a Rainha á sala da Audiencia, saudou El Rei, e elle fez o mesmo com rosto alegre, fazendo-a assentar junto a si; e depois lhe perguntou, que boa nova a levava á sua presença, acompanhada de tão grande comitiva de mulheres?

*A Rainha conta a El-Rei a fugida do passarinho.*

Disse a Rainha: Saiba V. Magestade, que venho aqui diante da Real Corôa com estas nobilissimas matronas saber a res-

posta da súplica que fizeram, para entrarem tambem ellas nos Conselhos, negocios, e exercicios, que se dão aos do grande Senado; e tendo-lhes V. Magestade mandado aquella bocetinha, com ordem expressa de a não abrirem por nenhum modo, e que a houvessem de trazer hoje, tal e qual, como lhes foi entregue; huma mais curiosa que as outras, desejando ver o que se encerrava dentro, abrio-a, sem attender a outra cousa, e o passarinho fugio logo, de cujo successo ficarão todas tão tristes, e desconsoladas, que não ousavão levantar a cabeça, nem olliar para V. Magestade, pela grande vergonha, que tem, de haver desobedecido ao preceito Real. Porém V. M., que sempre foi benigno para com todos, ha de perdoar-lhes este erro que fizeram, não por violar a sua ordem, mas por hum méro desejo, e curiosidade, de que arrependidas e pezarosas pedem perdão a V. Magestade.

*El-Rei mostra-se muito enfadado, reprehende as mulheres, e perdoa depois mandando-as para suas casas.*

Quando El-Rei, que outra cousa não

desejava, ouviu o referido, se fingio irritado ao maior excesso; e voltando-se para as mulheres, lhes disse: Com que vós deixastes fugir o passaro da caixinha, mulheres tôlas, e sem juizo? È como então tendes ousadia para pedir que se vos communicuem os negocios dos Conselhos secretos da minha Corte? Dizei-me, como podereis ter em segredo huma cousa, na qual estivesse o interesse do meu Estado, e a vida dos homens, se huma só hora não podêstes ter fechada huma boce-tinha, que com tantas instancias vos recommendei? Ora ide cuidar nos vossos exercicios, nas vossas familias, e no governo das vossas casas, e deixai aos homens o governo das Cidades. Sem dúvida, que todas as cousas levarião bom caminho, se passassem pelas vossas mãos; porque qualquer segredo, por mais importante que fosse, em menos de meia hora se saberia por toda a Cidade. Ora ide-vos, que eu vos perdoo, cuidai no que vos pertence, e não entreis outra vez em semelhante frenesi. Despedio depois a Rainha, fazendo-a acompanhar por muitos Cavalheiros até ao seu quarto. Desta fórma se forão aquellas desconsoladas mulheres, cada huma mal contente de si

mesma, e nunca mais tornárão a fallar, em que as admittissem a Conselheiras, e Consultoras; pois que ElRei as tinha consultado por huma vez, mediante a astucia do subtil Bertoldo, a quem depois disse ElRei, rindo-se:

*R.* Melhor invenção que esta não posso achar, meu Bertoldo, e sahio a maravilhas.

*B.* Bem vai a cabra coxa, em quanto não tópa o lobo.

*R.* Porque dizes tu isto?

*B.* Porque mulher, agua, e fogo, em toda a parte achão lugar sem grande rogo.

*R.* Quem se assenta na ortiga, muitas vezes lhe pica como a formiga.

*B.* Quem cospe contra o vento, o cuspido lhe cahe na cara.

*R.* Quem mijja sobre a neve por força se ha de vêr a urina.

*B.* Quem lava a cabeça ao burro perde o trabalho, e o sabão.

*R.* Por ventura dizes tu isto a meu respeito?

*B.* Sem dúvida, que só a teu respeito, e não de outrem fallo.

*R.* E que motivo tens tu de queixar-te contra mim?

*B.* E que motivo tenho de dizer bem

R. Mas dize-me, que offensas tens recebido de mim?

B. Eu cooperei para negocio de tanta importancia; e tu, em lugar de assegurar-me a vida, me estás logrando.

R. Eu não sou tanto ingrato, que não conheça os teus merecimentos.

B. O conhece-os he pouco, o tudo he remunerar-los.

R. Cala-te, que eu quero remunerar-te de fórma, que fiquês a pés iguaes.

B. Também aquelles, que são enforcados, ficão a pés iguaes.

R. Tu interpretas todas as cousas ás avessas.

B. Quem diz mal, quasi sempre adinheira.

R. Tu não só dizes mal, mas fazes tambem mal.

B. Que mal tenho eu feito na tua Còrte?

R. Tu não usas nenhuma sorte de corrazia, nem de boa criação.

B. Que te importa a ti, se eu sou mal criado, ou mal acostumado?

R. Muito me importa, porque para o meu amigo te has sempre havido, como hum vilão ruim.

B. Qual he o motivo?

R. Porque quando tu vens á minha

presença, nunca tiras o chapéo, nem abaixas a cabeça.

*B.* Hum homem não deve abaixar a cabeça a outro homem.

*R.* Deve-se usar a cortezia, e a reverencia, segundo a qualidade dos homens.

*B.* Todos somos de terra; tu és de terra, eu sou de terra, todos nos havemos tornar em terra; e assim a terra não deve reverenciar a outra terra.

*R.* Tu dizes bem, que todos somos de terra; porém entre a mesma terra ha muitas differenças: suppõe tu que a differença, que ha entre nós ambos, he a mesma que há entre dous vasos, dos quaes, sendo hum de maior estimação, servê para ter liquores preciosos, e cheirosos, e o outro, que he mais ordinario, serve para exercicios vis, e despreziveis; e desta fórma, sendo eu como hum daquelles que tem balsamo, e liquores dos mais preciosos, e odoriferos, e tu hum daquelles, em que se fazem ainda outras cousas muito peiores, são comtudo fabricados pela mesma mão, e da mesma terra.

*B.* Eu não te nego isto, mas sim te digo, que tanto quebradisso he hum, como outro; e quando ambos estão quebrados, deitão-se os pedaços pelas ruas,

não se fazendo distincção nenhuma de uns, nem de outros.

R. Ora: seja como for, eu quero que me abaixes a cabeça.

B. E eu não o posso fazer, tem paciencia.

R. Porque não o podes fazer?

B. Porque eu tenho pernas de salsa, e por isso não quizera quebra-las, quando fosse a abaixar-me.

R. Ah! villão ruim, eu quero que, contra tua vontade, me faças reverencia, quando vieres á minha presença.

B. Olha, tudo póde ser, mas a mim custa-me muito a crê-lo.

R. Isso se verá á manhã, vai-te esta noite para casa, e veremos quem vence.

*ElRei faz abaixar a porta da sua Camara, por onde Bertoldo devia entrar, para que por força se inclinasse a fazer-lhe venia, quando fosse a passar.*

Logo que Bertoldo se foi, fez ElRei abaixar a porta da sua Camara, em certo modo, que quem passasse por ella avia forçosamente abaixar a cabeça; e para que desta fórma, quando Bertoldo quizesse entrar por ella no dia seguinte,

fizesse a venia a seu pesar. Nesta certeza estava esperando com impaciencia o dia, para ver o effeito desta cousa.

*Astucias de Bertoldo, para não fazer venia a ElRei.*

Na manhã seguinte o astuto Bertoldo não deixou de ir ao Paço, como costumava: e vendo a porta da Camara d'El-Rei abaixada daquella sorte, logo suppoz com malicia, que elle a tivesse mandado assim fazer, para que ao entrar por ella, lhe fizesse venia, abaixando a cabeça; mas Bertoldo, em lugar de passar pela porta directamente, e fazer reverencia a ElRei, lhe voltou as costas, entrando assim para o honrar, e reverenciar com as faces do az de copas. Então sim, que ElRei conheceo ser este homem o Principe da astucia: estimou muito no interno esta graça; porém com tudo isto, fazendo demonstração de a levar a mal, lhe disse:

R. Quem te ensinou, villão ruim, a entrar desta fórma nas Camaras Reaes?

B. O caranguejo.

R. Como te ensinou o caranguejo? Certamente escolheste bom bordão para te encoslar.

*Fabula do caranguejo, e da lagosta,  
contada por Bertoldo.*

*B.* He necessario sãberes, que meu Pai teve dez filhos, era pobre, como o sou tambem eu; e porque muitas vezes não havia pão para cear, em lugar de dar-nos de comer, e mandar-nos satisfeitos para a cama, costumava contar-nos alguma fabula, e no entanto nós hiamos adormecendo, passando muitas vezes assim até manhã. Entre outras, que lhe ouvi contar, ficou-me huma na memoria, a qual, se quizeres ter paciencia de ouvir, não deixarás de ter gosto nella, e he muito adequada ao nosso proposito.

*R.* Dize, dize, que terei summo gosto de te ouvir.

*B.* Dizia meu Pai, que quando os animaes fallavão, e que as cotovias fazião capinhas, o caranguejo, e a lagosta, que são muito amigos, se dispozeram a ir pelo mundo, para ver como se vivia nas outras terras; o caranguejo então andava para diante, como os outros animaes, e a lagosta não hia de ilharga, como agostia faz. Ora: estes sairão da casa de seus

Pais, e depois de andarem muito tempo correndo mundo, chegarão ao Reino das cavallãs, passarão dahi ao dos lagartos, que confina com o d'ElRei dos macacos; e assim rodeando grande parte deste Orbe, virão muitas, e diferentes ceremonias, costumes, e ritos entre aquelles pequenos animaes. Finalmente se acharão no Reino dos saguins, mas já era noite; e como entre estes, e as doninhas havia grandes guerras, por serem confinantes, e huma nova suspeita de traição tinha posto em armas huma, e outra Potencia; logo que forão chegados os nossos dous companheiros áquelle lugar, conhecerão os guardas que crão estrangeiros, e os tomárão por dous Espiões, prendendó-os logo de pés, e mãos, e os levárão diante do seu Capitão, o qual fazendo-os examinar com grande exacção, não achou nelles outra curiosidade mais, que o desejo de verem o mundo, e que por isso tinham alli chegado; que sendo estrangeiros, não podião ser informados do que se passava; e assim desejavão lhes fosse concedida a liberdade, para voltarem ás suas patrias, ou tambem se lhes quizessem assentar praça de soldados, dando-lhes o soldo como aos mais, os servirão

naquelle guerra com toda a fidelidade. Ouvindo isto o Capitão, logo os fez desalar, e parecendo-lhe que erão animaes capazes de qualquer facção, por terem tantos braços, e tantas pernas, os acceitou, assentando-lhe's praça. Daqui a não muitas dias succedeo, que o caranguejo foi mandado ao campo inimigo, para observar com toda a cautella o que se fazia nelle. Como esta casta de animal não era conhecido naquellas terras, e elle caminhava com grande silencio, cobrindo-se muitas vezes debaixo da sua concha, estavam certos, que não seriam descobertos com tanta facilidade; e assim elle foi animosamente ao campo dos inimigos, aonde achando que as guardas avançadas dormião, passou mais adiante, até que chegou ao Pavilhão do Rei das Doninhas, cuidando que nelle também estivessem dormindo, mas o pobre teve também pouca fortuna, porque lá estavam acordados, jogando o truco, e bilharda; e assim que deitou a cabeça de dentro, fô logo visto por hum daquelles soldados, o qual, passo a passo, se levantou de jogar, em fôrma que o desgraçado caranguejo não o advertio, e tomando hum páo lhe atirou com elle, e acertando-lhe direita-

mente na cabeça, atordoou-o de maneira, que quasi parecia morto; e se não tivesse o abrigo das suas costumadas armas, para debaixo dellas se recolher, lhe saltarião os miolos fóra. Aquelle que o ferio, não sabendo que fosse Espião, e só cuidando que alli tivesse chegado por acaso, pois não tinha cara de Espião, julgando que estivesse morto, o tomou pelos cornos, e o deitou em hum fosso, e, sem suspeitar outra cousa, tornou ao seu jogo. Ora no entanto, tendo tornado em si o miseravel caranguejo, e não podendo levantar a cabeça, por causa da grande pancada que tinha recebido; jurou que nunca mais queria entrar com a cabeça para diante em nenhuma parte, mas sim caminhar para trás, a fim de que, se alguma vez lhe tornassem a fazer daquellas esmolas, as accitasse mais depressa com o espinhaço, do que com a cabeça. Neste estado, voltando ao campo, deo relação de quanto lhe tinha acontecido, e de estarem os primeiros guardas dormindo, mas que no Pavilhão Real estavam levantados: o que ouvido pelo Capitão, deo as necessarias ordens promptamente, para que sem demora, e com o maior silencio se armassem os Esquadrões

com os quaes deo de repente sobre os inimigos, e vencendo com pouca resistencia as primeiras linhas, chegou ao Pavilhão Real, onde matou quantos nelle se achavão, fazendo a vingança da pancada, que derão ao caranguejo, o qual, para que lhe não succedesse outra semelhante historia, disse á lagosta: Vamos com Deos, porque a guerra não he boa para nós; e como fugiremos (disse a lagosta) em fórma que não sejamos vistos, ou descobertas as nossas pégadas?

Tu caminharás de ilha gã (respondeo o caranguejo), e eu para trás, e assim nos veremos livres. Agradou a proposição á lagosta, e levantando-se logo nas pontas dos pés, com toda a gentileza se pôz em caminho aos saltos, e hia tão depressa, que o caranguejo com muito trabalho podia alcança-la. Desta sorte sahirão do campo, aondé nunca se pôde saber, para onde tivessem ido; pois a extravagancia do seu andar lhes não deixava signal algum de o conhecerem: com que chegarão ás suas casas, e por causa dos perigos, em que se tinham visto, deixarão no seu testamento, que todos os seus successores houvessem de caminhar sempre na conformidade, que elles fizerão no vol-

tar para suas casas: até o dia de hoje se vê, que o caranguejo anda para trás, e a lagosta de ilharga: e porque o caranguejo teve aquelle carolo na cabeça, quando a metteo dentro do Pavilhão, eu sempre me lembrei d'elle, e por isso entrei de costas, quando passei por aquella porta, para vir á tua presença, porque melhor he levar no trazeiro, do que na cabeça. Que me dizes agora, não he bonita esta fabula?

R. Sem duvida que he, e foste hum grande homem. Ora vai para casa, e amanhã torna a vir, mas de sorte que eu te veja, e não te veja; e traze-me a horta, a estrebaria, e o moinho.

B. Ora advinhai lá esta mastigada? Em fim, eu irei, e procurarei fazer o que souber.

*Astucia de Bertoldo para apparccer  
diante d'ElRei, na fôrma que  
lhe ordenou.*

No seguinte dia mandou Bertoldo fazer por sua Mãi huma torta de acelgas bem untada com manteiga, queijo, e bastante requeijão; tomou depois hum crivo, que pôz por diante do rosto, e com a

torta na mão foi á presença d'ElRei, o qual vendo-o apparecer daquella fôrma, não pôde suster o riso, e lhe disse: \*

*R.* Que significa este crivo, que tens diante do rosto?

*B.* Não me ordenaste que viesse á tua presença, em modo que me visses, e não me visses?

*R.* He verdade, assim t'ordenei.

*B.* Eis-aqui logo que, estando por detrás dos buracos deste crivo, podes ver-me, e não podes ver-me.

*R.* Ora és hum homem de grande engenho; mas onde está a horta, a estrebaria, e o moinho, que té disse trouxesses?

*B.* Aqui está esta torta, na qual estão infundidas todas as tres cousas, a saber: na acelga está a significação da horta; no queijo, manteiga, e requeijão, se denota a estrebaria; e na farinha o moinho.

*R.* Eu nunca vi, nem pratiquei mais agudo entendimento, do que o teu. Ora pois, serve-te da minha Côrte em tudo o que te for necessario.

*Graças de Bertoldo.*

Ouvindo Bertoldo este offerecimento, que ElRei lhe fez, affastando-se alguma

cousa d'elle para a parte donde os Cavalleiros lhe fazião Côrte, desabotoou os calções, mostrando querer fazer huma desistencia corporal: o que visto por El-Rei, se pôz a gritar, dizendo:

*R.* Que queres fazer animal?

*B.* Não me dizes tu, que me posso servir da tua Côrte em tudo o que me for necessario?

*R.* Disse, não ha duvida, mas que acção he esta?

*B.* Eu logo quero servir-me della, para descarregar hum certo pezo, que tenho na barriga, o qual me dá tanto detrimento, que já o não posso ter.

Neste tempo, hum daquelles guardas d'El-Rei, levantando hum bastão, queria dar-lhe com elle, dizêdo-lhe: Bruto, porco, vai á estrebaria, aonde vão as bestas, como tu, e não sejas tão atrevido de fazer semelhante porcaria na presença Real, se não queres que te apalpe as costelas com este páo. Então Bertoldo, voltando-se para elle, lhe disse: De vagar, amigo, de vagar, não te mettas a ser cuidadoso aonde te não chamão; não sabes tu, que as moscas, as quaes verás que andão pelas cabeças dos tinnhosos, e por outros lugares ainda peiores,

andão também sobre as mezas Reaes; e fazem muitas vezes seus feitos nos pratos onde comem os Principes? Logo, porque não hei de fazer as minhas necessidades no chão, que he a cousa, sem a qual não se póde passar, quando ElRei mesmo me disse, que podia servir-me da sua Corte em tudo o que me fosse necessario? E qual maior urgencia podia eu ter de servir-me della senão para este effeito? ElRei, que entendeu a metafóra de Bertoldo, e gostando muito daquella graça, tirou do dedo hum anel de grande valor, dizendo: Ora toma, meu Bertoldo, este anel, que só tu o mereces; e vós, ó Thesoureiro, trazei-me aqui logo mil patacas, que lhas quero dar.

*B.* Eu não quero, que me interrompas o meu somno.

*R.* Porque?

*B.* Porque se eu tivesse esse anel, e tanto dinheiro, não poderia ter socego, nem repousar, parafusando pelo sentido continuamente, em que o havia de empregar; e assim nunca teria quietação; além de que, ouvirias dizer muitas vezes, que quem o alheio toma, vende-se a si mesmo: a natureza me produzio livre, e livre quero conservar-me.

R. Que posso fazer eu logo para te premiar?

B. Muito bem paga, quem conhece o beneficio.

R. Não basta conhecê-lo sómente; mas he necessario tambem remunera-lo.

B. O bom animo he pontual pagamento do homem de bem.

R. Não deve o superior ceder em cortezia ao menor.

B. Não deve o menor receber consa, que seja superior ao seu merecimento.

*A Rainha manda novamente pedir Bertoldo a ElRei.*

Em quanto estavam nestas porfias, chegou outro criado da Rainha com huma carta, a qual continha, que ElRei lhe mandasse outra vez Bertoldo por todos os modos, pois achando-se ella algum tanto molesta, queria passar o tempo com as suas graças; mas isto era tudo pelo contrario, porque o seu verdadeiro intento era fazer-lhe tirar a vida, depois que lhe chegou á noticia ter sido por concerto seu, que aquellas Fidalgas tinham recebido aquella reprehensão d'ElRei; pelo que lhe tinham tal raiva, que se o po-

dessem colher ás mãos, o lapidarião. Len<sup>o</sup> do ElRei a carta, e dando fé ao que nella lhe escrevia a Rainha, disse a Bertoldo:

*R.* A Rainha te manda chamar outra vez, porque estando alguma cousa indisposta, quer que a vás divertir, e fazer-lhe passar a melancolia com as tuas graças.

*B.* Tambem a raposa muitas vezes se finge enferma, para apanhar os frangos.

*R.* A que proposito dizes tu isto?

*B.* Porque nem tigre, nem mulher, já mais deixou de se vingar.

*R.* Ora lê tu aqui, se sabes lêr.

*B.* A prática, e a experiencia são os meus livros.

*R.* O desdem da mulher nobre logo passa.

*B.* As brazas encobertas deixão quentes por muito tempo as cinzas.

*R.* Não ouves tu as boas palavras, lque ella te manda dizer?

*B.* Boas palavras, effeitos maliciosos, enganão os doudos, e os estudiosos.

*R.* Ora vamos, se has de ir, porque finalmente agua não he espada.

*B.* Quem por huma vez ficou escaaldado de sôpa quente, assopra nella, ainda quando está fria.

*R.* De corsario a corsario não se perde mais que os barris vazios.

*B.* O borracheiro cuida huma cousa, e o taverneiro outra.

*R.* Em servir o proximo nunca se perde.

*B.* Servir com damno? Deos to dê todo o anno.

*R.* Não tenhas medo de nada no meu Palacio.

*B.* Melhor he ser passaro do campo, que da gaiola.

*R.* Ora não te faças desejar mais, vai por huma vez; porque cousa tanto rogada, depois pouco agrada.

*B.* Bem vai a quem dá exemplo desta sorte.

*R.* Quem mais está, ainda mais quizerá estar.

*B.* Quem empurra a não para o mar, fica em secco no estaleiro.

*R.* Ora vai aonde te mando, e não receies nada.

*B.* Quando o boi vai á morte, sua por diante, e treme por detrás.

*R.* Faze animo de leão, e vai sem temer.

*B.* Não póde fazer animo de leão, quem tem coração de ovelha.

*R.* Vai seguramente, porque a Rai-

ha não te quer mal nenhum, antes temido muito sobre aquella peça.

B. Riso de Senhor, sereno de inverno, chapéo de doudo, e trote de mula velha, no jogo da primeira fazem poucos pontos.

R. Não te dilates mais, porque toda tardança depois he aborrecida.

B. Ora pois, eu vou, já que tu me ordenas, succeda o que succeder; tanto assim, ou assado, he necessario que eu passe pela porta pequena, ou pela grande.

*Bertoldo, com huma bella astucia, se livra do primeiro impeto da Rainha.*

Assim Bertoldo se encaminhou para o quarto da Rainha; mas, tendo presenciado, que ella tinha comettido aos seus Coiteiros de cães, lhe avançassem todos logo que elle apparecesse, para que por elles fosse tragado, (tanto estava raivosa contra elle) primeiro quiz ir á praça, donde, encontrando hum saloio, que tinha huma lebre viva, lha comprou, e a pôz debaixo da vestia. Chegando elle ao Palacio da Rainha, os primeiros, que o vierão cumprimentar, forão hum bando de cães, que vinhão correndo a grande

fúria, para se lhe avançarem; e sem dúvida o matarião a poder de mordedellas se elle, conhecendo o grande perigo em que se achava, não largasse logo a lebre, a qual, apenas foi vista pelos cães, que todos a ella se lançarão para alcançá-la, como he natural, ficando assim livre o pobre Bertoldo, sem alguma lesão daquelles agudos dentes; e assim subio ao aposento da Rainha, a qual ficou muito admirada, vendo-o vivo, quando cuidava que os cães o tivessem comido: e toda enfurecida, lhe disse:

*Rain.* Tu aqui estás, monstro salteador?

*B.* Assim não estivera, como estou.

*Rain.* Como escapaste dos dentes dos meus cães?

*B.* Como? A natureza deó providencia ao accidente.

*Rain.* A mulher do ladrão nem sempre se ri.

*B.* Quem vai ao moinho, he força que se enfarinhe.

*Rain.* Quem tem as primeiras, nunca fica sem ellas.

*B.* Quem merece, leva.

*Rain.* Por esta vez, tu as merecerás.

*B.* Não fics enganado, senão quem se fia.

*Rain.* Prometter, e não dar, vem por pouco contentar.

*B.* Quem menos póde, paga o bode.

*Rain.* Quem não joga, lá gasta mal seu de outros modos.

*B.* Parece ser prudente, quem desgraças nunca sente.

*Rain.* Que vá a besta, que torne a besta, tudo he o mesmo.

*B.* He necessario que aqui não entreis, dizia a raposa ao lobo.

*Rain.* E com tudo; tu, que és tão astuto malicioso, vieste cahir-me nas mãos?

*B.* Paciencia, dizia o lobo ao burro; muitos vão ás bodas, mas não vão á mesa.

*Rain.* Todo o tempo vem a quem póde espera-lo.

*B.* Venha embora, pouco entendimento faz de mister.

*Rain.* Atrás do trovão costuma vir a tempestade.

*B.* O peixe grande come o pequeno.

*Rain.* Nem todos os gallos conhecem a fava.

*B.* Todas as cobras tem a peçonha no rabo; mas a mulher irritada por todo o corpo a tem.

*Rain.* Tu não escaparás certamente

desta vez ; podes usar quanta malicia souberes ; eu farei com que não te possas jactar de fazeres mais estratagemas contra as mulheres.

*B.* Quem não vai a huma fonte, vai á outra ; e quem vai mais depressa, engana o companheiro ; e assim despachame por huma vez, como for de teu gosto, conforme disse em certa occasião o lobo a hum villão ; e se nós vivessemos mil annos, não tenhas medo, que nos vejamos jámais de boa vontade, nem haja entre nós boa harmonia.

*A Rainha fez metter Bertoldo dentro de hum sacco.*

Então a Rainha, toda enfurecida, fez pegar nelle, e ata-lo muito bem, e depois o fez pôr em huma camara, junto áquelle onde dormia ; mas como se não fiava de que lhe escapasse, segundo o que tinha visto em outras occasiões, por obras das suas astucias, o fez metter em hum sacco, pondo-lhe por guarda hum Quadrilheiro, para que tivesse conta nelle até a manhã seguinte, fazendo tenção de o mandar assim deitar no rio, ou fazer-lhe alguma outra cousa, com que ficasse im-

edi-lo de rir-se nunca mais della com outras zombarias: assim o pobre Bertoldo ficou fechado no sacco, não tendo nunca medo da morte mais que aquella vez; com tudo concertou no pensamento huma nova astucia para sahir do sacco, como com effeito sahio admiravelmente desta sorte.

*Astucia de Bertoldo para sahir do sacco, onde o tinham posto.*

Estava o triste Bertoldo fechado naquelle sacco, com a guarda daquelle Quadrilheiro; e, valendo-se da sua grande astucia, poz-se a fallar consigo mesmo, queixando-se desta fórma: Ah, fortuna inconstante, como te divertes em maltratar tanto os ricos, como os pobres! É tu, maldita fazenda, a que extremidade me trouxeste? Não me teria sido melhor que meu Pai não me deixasse nada, porque assim não me veria reduzido a esta miseria, em que me acho? De que me servio andar vestido nestes rusticos trajés, para mostrar ser pobre, se agora me descobrião por rico, como sou? Estés malvados, pela cobiça de apanharem para si o que he meu, querem fazer comigo parentesco!

Mas seja o que fôr, não haja medo, que eu receba tal mulher; porque sendo eu homem disforme, bem sei que ella nunca sería toda minha; e se a Rainha quizer que eu a receba, alguma cousa se verá.

*O Quadrilheiro começa a interessar-se na fortuna de Bertoldo.*

Ouvindo o Quadrilheiro estas palavras teve grande curiosidade de saber a razão daquellas exclamações, e como era de natural compadecido, lhe disse:

*Quadril.* Que historia he esta? De que te queixas? Não me dirás, pobre coitado, porque te mettêrão neste sacco?

*B.* Oh amigo, a ti não te importa saber a minha vida, nem as minhas misérias: deixa-me queixar do meu fado, e tu cuida em fazer o teu officio.

*Quadr.* Com tudo que eu seja Quadrilheiro, nem por isso deixo de ser homem, como são os mais, e de ter compaixão das calamidades do proximo; com que, se não pude ajudarte com as minhas forças nos teus trabalhos, poderei ao menos dar-te alguma consolação com as palavras.

*B.* Pouca consolação me podes dar;

que he breve o tempo determinado, para o que se ha de fazer.

*Quadr.* Querem por ventura dar-te poutes?

*B.* Peior.

*Quadr.* Apolliar-te?

*B.* Peior.

*Quadr.* Mandar-te para as galés?

*B.* Peior.

*Quadr.* Mandar-te enforcar, ou esartejar?

*B.* Ainda peor.

*Quadr.* Queimar?

*B.* Trinta mil vezes peor.

*Quadr.* Que diabo te podem fazer pior que isto?

*B.* Querem-me casar.

*Quadr.* E isto he peor daquillo que disse? Deves tu ser algum animal, ou esta? Eu cuidava que te quizessem fazer algum grande mal. Tomai-vos lá, quem-no casar! Ora isto, sim, que he para cantar com a viola.

*B.* Não he que o casar me seja peor do que esses castigos; mas o modo como querem receba eu a mulher.

*Quadr.* E com qual modo ta querem ar? Falia claro.

*B.* Está ahi alguem mais, que tu?

Não quizera, que alguma outra pessoa me ouvisse, porque então sim, que eu ficaria de todo perdido.

*Quadr.* Ninguém está mais do que eu; falla sem receio.

*B.* Olha bem, por tua vida, que depois não fosse dizer tudo o que ouviste e tu vê bem o que fazes.

*Quadr.* Não tenhas medo de nada, porque eu nunca costumei fazer isto, e nem menos daqui por diante mo verão fazer.

*B.* Ora pois, eu de ti me fio, conhecendo pelo teu bom modo, que és homem de bem; o também saiba-se o que se souber, pouco me importa; tanto o que ha de ser, já não tem remedio.

*Quadr.* Conta-me pois toda a historia que eu terei gosto de ouvi-la.

*B.* Deves saber que, sendo eu rico dos bens da fortuna, com tudo que desforme, e monstruoso de pessoa, tenho muitas fazendas, e terras, e parte destas confinão com as de hum certo Cavalheiro, que tem huma filha, a cousa mais bella, que possa ver-se. Vendo elle as minhas riquezas (supposto que eu seja Campones, e feio como te digo) intenta casar esta sua filha comigo, tendo-me para este effeito fallado muitas vezes, não já pela minha pes-

soa, mas pelas muitas fazendas, que sabe eu possuo; pois supponho que da minha vida pouco lhe importa, antes creio que depois de casado me quizerá vêr pendurado em huma forca.

*Quadr.* Com que és rico?

*B.* Torno a dizer-te, que poucos ha da minha condição, que tenham tantos rebanhos de toda a casta de animaes, tantas terras, tantas fazendas, e por fim tudo o que póde haver.

*Quadr.* Quanto poderás ter tu de renda cada anno?

*B.* Hum anno por outro sempre hei de ter de renda quinze mil cruzados, e ainda mais.

*Quadr.* Apre! Ha muitos Condes, e Marquezes, que não tem tanto. E esse Cavalheiro he rico tambem?

*B.* Elle se acha bem; mas, em comparação do que eu tenho, he mais pobre.

*Quadr.* Quanto terá de renda?

*B.* Tres mil cruzados, e não chega.

*Quadr.* Então não he tão pobre, como tu dizes; e além disso não he nobre?

*B.* He nobre? Nobilissimo.

*Quadr.* E então não te quer dar nada em dote?

*B.* Sim, quer; eu tudo te direi, porque

estamos aqui sós ; mas não vês que não posso fallar neste sacco ? Se tu não o desatas, de sorte que eu possa pôr a cabeça de fóra, vejo-me suffocado para fallar ; e depois poderás fecha-lo outra vez, quando tiveres ouvido tudo o que desejas saber.

*Quadr.* De muito boa vontade ; aqui está aberto ; falla, e não estejas triste. Mas tens humna horrenda cara ; se o resto do corpo corresponde á cabeça, deves ser hum feio animal.

*B.* Tira-me fóra todo, e verás a minha bella pessoa.

*Quadr.* Sim, mas depois he necessario que tornes para dentro do sacco, tanto que tiveres fallado, e que eu te feche como estavas.

*B.* Nisso não teremos nós dúvida.

*O Quadrilheiro tira Bertoldo do sacco.*

*Quadr.* Ora pois, vem para fóra.

*B.* Aqui estou ; que te parece este meu corpinho ?

*Quadr.* Em verdade te asseguro, que és humn gentil moço. Apre lá ! Que bella figura ! Eu não tenho visto besta mais feia que tu ! A noiva já te vio por ventura ?

*B.* Ella nunca me vio, e para que m

aja, me fizeram metter neste sacco, que-  
 hido'od' ai traze-la a esta camara, para  
 que nos casemos ás escuras, e depois que  
 estiver feito o matrimonio, mostrar-me;  
 porque então não ha remedio, senão con-  
 tentar-se, estando tudo isto assim ajusta-  
 do; e a mim logo me serão dados em dote  
 seis mil dobrões de Hespanha, que lhe  
 dá a Rainha, para que lhe não fuja esta  
 boa fortuna.

*Quadr.* He bella fortuna certamente;  
 porque terá hum menino tão bonito, e  
 gracioso como tu, para trazer nos braços.  
 Ora vêde lá como vão as cousas deste mun-  
 do! A maldita riqueza quantos homens,  
 quantas mulheres faz cahir nestas par-  
 ticês de mandar semelhantes chascos; ou,  
 para melhor dizer, infernos deste mundo:  
 vede hum destes alarves, que parece mon-  
 stro infernal; porque tem riquezas, os  
 cavalheiros se prezão de fazer com elle  
 parentesco. Ora, bem diz o ditado, que  
 a riqueza faz estar o tinhoço á janella; eu  
 sou pobre, e que não sou tão mons-  
 tuoso como este demonio, não acharia  
 semelhante ventura; mas a maldita fazen-  
 ta he causa de tudo: paciencia!

*B.* Se tu fosses homem de bem, eu te  
 teria esta noite venturoso.

*Quadr.* De que sorte?

*B.* Eu estou resolutto de não receber esta mulher por nenhum modo; porque como me dizem que he formosa, como o mesmo Sol, está-me parecendo que não será toda para mim, e além disto, vendo-me ella tão horrendo, poderia talvez fazer-me comer algum bocado daquelles que comem a vida; assim, se queres entrar em meu lugar neste sacco, eu te renunciarei esta grande ventura.

*Quadr.* Algum ridiculo faria talvez esta parvoice, para depois, quando fosse descoberto, achando-se que não eras tu, lhe fizessem atirar hum tiro, e dar hum salto de ancas.

*B.* Dissõ não receies; porque, depois que tiveres recebido a noiva, e que fores descoberto, tu, que és hum homi macaco, e não horrendo, como eu, em elle te vendo não dirá que te não quer, e que está feito não se póde desfazer, nem tornar atrás com as duas mil dobras; assim entrarás tambem de posse de toda a fazenda; porque o Pai he-velho, não póle estar muito tempo sem ir cheirar a terra das sepulturas, e desta fórma poderás daqui em diante viver com toda a grandeza, e honradamente, sem ex

ntar este teu officio tão vituperioso, e infame.

*Quadr.* Tu fazes mui facil a empreza; porém eu não quero pôr-me nesse risco: anda tu para o sacco, porque a minha pelle vale mais que estas riquezas.

*B.* Ora és bem hasbaque! Eu me comadeço de ti; mas não sabes o que por todo o mundo se diz: que ao homem animoso e bom tentar fortuna. Que mal te pôe succeder; tomára saber, neste negocio? Parece-te que o Pai della te fará alguma cousa depois que te receberes? Tu crês que ella, sendo tão modesta, diga que não te quer? Parece-te que a Rainha, sendo tão liberal, e generosa, não queira desembolçar o dinheiro para não parecer avarenta? Todos se hão de sujeitar aquillo, que o Ceo destina, e deixarão passar tudo em silencio, e assim irás para casa da noiva, e com o tempo serás verdadeiro de tudo, e por todos respeitado como Fidalgo. Homem, sabe conhecer a tua fortuna, e vê que nem todos os dias apparecem destas occasiões: entra no sacco, e não te dê algum cuidado o mais; porque, se houvesse algum perigo para ti, eu o diria, prezando-me de fallar sempre verdade, e claro com todos: deixa-te ir

e á manhã, antes de jantar, saber-me-has dizer se te enganci, ou se verdadeiramente sou teu amigo.

*O Quadrilheiro começa a cahir no logro*

*Quadr.* Tu me propões a empresa tão bellamente, que quasi a creio, e estou para me pôr a ella, tendo sempre ouvido dizer, que quem não arrisca, não ganha; quem sabe se esta ventura está preparada para mim por favor do Ceo?

*Bertoldo mostra não querer o Quadrilheiro dentro do sacco, para lhe infundir maior desejo.*

*B.* Eu não posso estar aqui com tantas paroladas; quem não sabe conhecer a sua boa fortuna, quando lhe cahe nas mãos, depois anda procurando-a todo perzoso, e não a acha. Se o Ceo te quer fazer este beneficio, para que o queres tu desprezar? Mas eu te asseguro, que se tivesses conhecimento da minha sinceridade, não farias tantas repugnancias: ora pois, amigo, faze o que te parecer, se não queres fazer o que te digo: eu não posso estar aqui cançando-me em fazer-te

tantos prólogos ; aqui me torno a metter no sacco , anda fechar-me nelle , e não tenhas medo que te torne a fallar nunca mais neste negocio , já que és tão falto de animo .

*Quadr.* Espera mais hum pouco , que não falta tempo para entrar no sacco .

*B.* Quem tem tempo não espera tempo : eu bem vejo que tu não sabes conhecer a tua ventura , e assim não quero estar aqui mais a quebrar-te a cabeça , e eu quebrar a minha , sendo bem tolo quem quer fazer bem a outrem , que o não quer , ou o não sabe agradecer .

*O Quadrilheiro se resolve a entrar no sacco .*

*Quadr.* Ora eu conheço verdadeiramente que estas tuas palavras nascem de um zelo de amor , que me tens ; e bem vejo que por meu respeito te prejudicas bastantemente , aqui estou resoluto para entrar no sacco , e fazer tudo o que me ens dito ; pois he certo que quando me vier recebido com essa rapariga , por força será necessario que fique minha , e que todos tenham paciencia , se não fôr de sua vontade .

*B.* Não, anda fechar-me no sacco, que eu me metterei dentro delle.

*Quadr.* Espera, não te mettas nelle, porque eu me metterei; já estou resolvido.

*B.* E eu já não quero; vamos, anda atar a boca do sacco.

*Quadr.* Ah! por quem és, amigo meu, não me tires esta ventura; eu ta peço por esmola.

*B.* Ora vamos, não quero deixar de fazer-te esta caridade; com tudo, ainda que me tenhas feito enfadar alguma cousa, entra dentro do sacco, e não te ponthas a fallar mais, e só espera o que ha de vir; e á manhã saberás dizer-me o bem, que te tenho feito.

*Quadr.* Se eu te não conhecesse por homem de bem, e sincero, não me deixaria induzir a metter-me neste sacco; mas bem se está vendo a tua excessiva bondade.

*B.* O Ceo he o que te faz dizer isso; ora pois mette bem de dentro estoutro braço, e abaixa alguma cousa mais a cabeça; porque tu és mais alto que eu, e assim não poderei fechar a boca do sacco.

*Quadr.* Ai, ai, que me quebras o pescoço . . . . mas fecha, fecha como quize-

res, porque já agora pouco podem tardar a chegar os parentes, segundo o que tens dito.

*B.* Daqui a duas horas, ou tres ao mais, estarás despachado... Ora aqui estás fechado, está quieto, não digas mais nada, para que tudo se faça como deve ser.

*Quadr.* Eu não fallarei mais... mas encosta-me á parede, senão não poderei estar tanto tempo em pé desta fórma.

*B.* Aqui ficas encostado; estás agora bem?

*Quadr.* Mui bem.

*B.* Ora pois, pouca bulha, cala a boca, e sabe governar-te, como he necessario.

*Quadr.* Eu não fallo mais; cala-te tu tambem, e deixa vir a noiva.

*Bertoldo, tendo enganado o Quadrilheiro, deixa-o no sacco em seu lugar á descripção do furor da Rainha.*

Depois que Bertoldo fechou no sacco o basbaque do Quadrilheiro, cuidou logo em fugir para não esperar a tormenta, que estava preparada a cahir sobre elle na manhã seguinte; e como era necessario que passasse pela camara da Rainha, applicou mais de huma vez o ouvido, pa-

a vêr se alguém estava acordado, e não  
 ouvindo nada, porque todos estavam no  
 primeiro somno, abriu muito de manso a  
 porta da sala, aonde ella estava; entrou  
 na sala, e daqui passou á camara; don-  
 de dormia a Rainha, e chegando-se á  
 cama della, achou que estava muito fer-  
 rada no somno, pelo que quiz fazer-lhe  
 huma peça, tomando-lhe humas roupas,  
 com que se vestio, e assim passou por to-  
 das as outras camaras, em que dormião  
 as Damas; e tendo achado á cabeceira  
 do leito da Ama as chaves de todas as  
 portas, as foi abrindo com muita destre-  
 za, e sabio fóra do Palacio: mas como  
 tinha cahido muita neve naquella noite,  
 que cobria todas as ruas, receando que  
 se conhecessem as suas pégadas, e o apa-  
 nhassem, voltou os çapatos dos pés ás  
 avessas, ficando os saltos para diante, e  
 as pontas para trás, de sorte que em lu-  
 gar de mostrarem as marcas ter sahido  
 do Palacio, parecia que tinha entrado  
 alguém; e assim andou tanto para huma  
 parte, e para a outra, que depois de  
 muito tempo chegou aonde estava hum  
 forno, por detrás das muralhas da Cida-  
 de, e ahi se metteo para se esconder.

*A Rainha não achando o seu fato, dá culpa ao Quadrilheiro que, não estando já no seu lugar, o teria furtado, e fugido, e pôe-se a fallar com elle, cuidando que fallava com Bertoldo, que estava no sacco.*

Chegada a manhã entráão as Aça-fatas para vestir a Rainha, e não achando a sua roupa, que lhe tinham despido na noite precedente, ficáão todás admiradas, sem saberem o que tinha sido feito della; por fim a Rainha, mandando vir outras roupas, se vestio, e sahio da cama toda furiosa, aonde foi directamente á camara, em que tinha deixado Bertoldo, sendo maior a sua admiração quando não vio o Quadrilheiro, que lhe tinha posto por guarda; e assim logo suspeitou que elle lhe tivesse furtado as roupas, e fugido, jurando que, se o pudesse colher ás mãos, o mandaria logo enforcar: depois, chegando-se para o sacco, disse:

*Rain.* E pois, meu machacaz, ainda estás com o mesmo sentido que d'antes?

*Quadr.* Não, Senhora, antes estou aqui prompto para a feceber o mais depressa, que quizer.

*Rain.* Que queres tu receber? alguma cura?

*Quadr.* Está ella prompta?

*Rain.* Agora se prepara em hum instante.

*Quadr.* O mais depressa, que me despacharem, hei de estima-lo.

*Rain.* Não passará muito tempo que fiques consolado.

*Quadr.* Não chega esta hora de ter essa alegria; ora fazei com que se traga aqui depressa.

*Rain.* Torno a dizer-te que bem depressa te levaremos aonde ella está; estás contente?

*Quadr.* Se as nossas condições são, que ella haja de vir a esta camara, e que nos casemos aqui incognitamente, recebendo o dote de duas mil doblas; como quereis levar-me aonde ella está? Mandai que venha cá, que eu farei o que devo fazer.

*Rain.* Que falla este villão ruim de casar, e de doblas? Tirai-o fóra daquelle sacco, para que lhe veja a cara.

O *Quadrilheiro* sahe fóra do sacco em  
 lugar de *Bertoldo*, e a *Rainha* toda  
 pasmada, diz :

*Rain.* Quem te poz nesse sacco, des-  
 graçado ?

*Quadr.* Aquelle, que havia de ser noi-  
 vo, o qual não querendo casar-se com es-  
 ta rapariga, que se lhe quer dar, me re-  
 nunciou esta ventura : assim póde-se man-  
 dar vir a noiva, e ao mesmo tempo o  
 dote das duas mil doblas, que eu aqui  
 estou para fazer tudo o que se deve.

*Rain.* De qual noiva, de quaes do-  
 blas fallas tu ? Dize-o mais claro, que eu  
 te entenda.

*Quadr.* Aquella noiva, que se queria  
 dar áquelle villão, como as duas mil do-  
 blas.

*Rain.* Metteo-te elle por ventura isso  
 na cabeça ?

*Quadr.* Torno a dizer, que elle disse  
 isto com todo o proposito, e para esse  
 effeito me poz nesse sacco, tendo elle fu-  
 gido ; assim vamos a concluir isto, em  
 quanto não passe a vontade.

O *Quadrilheiro* leva carga de pão, e mandando-o pôr outra vez no sacco, assim o fizeram deitar no rio.

*Rain.* Agora, agora mando vir as doblas, prepara-te tu no entanto para recebellas, pois eu quero que tu tomes o contrario ás tuas costas.

*Quadr.* Para isso eu aqui estou, e já me parece cem annos, que não chega o tempo de contallas; porém he necessário advertir, que eu as quero de pezo, e que trabuquem.

*Rain.* Tu as contarás primeiro, e depois se não forem de pezo, eu las farei tocar: no entanto começa a contallas, e aquellas que te parecerem leves, dize-o.

Dito isto, fez logo apparecer quatro dos seus servos, cada hum com o seu bastão, os quaes bem depressa se pozêrão a dar com toda a força no pobre *Quadrilheiro*: sentindo este as pancadas com que tão desalmadamente o maltravão, se poz a gritar, chorando, e pedindo que o deixassem; mas nada foi bastante para que os outros deixassem de dar, antes o reduzirão a tal estado, que parecia morto, e nem isto bastou, por

que a Rainha o tornou a fazer pôr no sacco, e o mandou deitar no rio. Desta sorte recebeu este infeliz as doblas de pezo, e em lugar de dar-lhe a mulher, o deitárão de molho para sempre no rio Adiz.

*Bertoldo está no forno, e a Rainha o manda procurar por toda a parte.*

Depois que o desgraçado Quadrilheiro foi mandado a beber, fizeram-se todas as diligencias para achar Bertoldo; mas por causa de estarem as suas pégadas ás avessas, nunca poderão comprehender, que elle tivesse sahido do Palaeio; e a Rainha o mandou procurar por toda a parte; com tenção de o fazer enforcar, parecendo-lhe intolleraveis as peças, de lhe levar as roupas, e de deixar-lhe o Quadrilheiro no sacco.

*Bertoldo he descoberto no forno por huma velha, e divulga-se que a Rainha estava no forno.*

No entanto o pobre Bertoldo estava naquelle forno, quieto, aonde sabia tudo o que se passava, e começou a recear muito da morte, arrependendo-se de ter apparecido naquella Corte: não se atrevia a sa-

hir fóra, por não ser agarrado, sabendo muito bem que a Rainha lhe tinha mais vontade, e muito mais depois de lhe ter feito estas peças do Quadrilheiro, e das roupas, temendo que o mandasse enforcar; porém como tinha vestidas as mesmas roupas, que são compridas, não se accommodando bem dentro do forno, inadvertidamente lhe ficou pendurado de fóra hum pedaço da cauda; e quiz a sua má sorte, que passando por alli hum velha, junto do forno, vendo aquelle pedaço das roupas que estavam de fóra, e conhecendo pelas barras que são da Rainha, cuidou que esta estivesse mettida dentro do forno; e logo correndo foi a casa de hum a sua vizinha, a quem disse, que a Rainha estava naquelle forno, levando-a consigo, para que visse a roupa, que apparecia; e conhecendo-a tambem aquella o forão dizendo a quantas encontravão, de sorte que em pouco tempo se soube por toda a Cidade, até que chegou aos ouvidos d'ElRei.

*ElRei duvida que Bertoldo tenha levado a Rainha áquelle forno, e vai averiguar se assim era.*

Ouvindo ElRei aquella nova, cuidou

go que Bertoldo teria levado a Rainha  
quelle forno, pois o conhecia tão déstro,  
que suppunha tivesse mandinga, e que  
assim pudesse fazer tudo o que quizesse,  
fazendo-o suspeitar mais os estratagemas,  
que lhe tinham visto praticar; e assim  
porreo logo á camara da Rainha, para  
ver se lá estava, e achando-a mui raivo-  
sa do que tinha succedido, que tudo lhe  
contou, mandou, que lhe ensinassem  
quelle forno, aonde foi; e olhando pa-  
ra dentro, vio Bertoldo embrulhado nas  
roupas da Rainha, e logo o fez tirar pa-  
ra fóra, ameaçando-o, que o mandaria  
matar. Despirão as roupas ao pobre vil-  
lão, que ficou só com os seus trapos; e  
como tinha çujado no forno toda a cara,  
além de ser mui feio de natureza, ficou  
que parecia hum demonio infernal.

*Bertoldo he tirado para fóra do forno,  
e El Rei muito enfadado, lhe diz.*

*R.* Sempre te colhi, villão desaforado,  
mas desta vez certamente não escaparás,  
e não és o diabo.

*B.* Quem está de fóra não entre; e  
quem está de dentro não se arrependa.

*R.* Quem faz o que não deve, lhe suc-  
cede o que não crê.

*B.* Quem lá não vai, não cabe; e quem cabe não se levanta limpo.

*R.* Quem se ri na Sexta feira, certo chorará no Domingo.

*B.* Desprega quem está pregado, que elle depois te pregará o mono.

*R.* Entre a carne, e a unha, ninguem pique.

*B.* Quem tem defeito he logo suspeito.

*R.* A lingua não tem osso, e faz quebrar o caroço.

*B.* A verdade sempre está por cima.

*R.* Tambem a verdade algumas vezes não se diz.

*B.* Não deve fazer quem não quer que se diga.

*R.* Quem se veste com a roupa alheia depressa se despe.

*B.* Melhor he dar a lã, que a ovelha.

*R.* Peccado velho, penitencia nova.

*B.* O bolir dos pés he nocivo, quando se põem nos hombros aos enforcados.

*R.* Daqui a pouco tempo tu serás hum desses.

*B.* Mais depressa cego, que feiticeiro.

*R.* Ora deixemos de parte estas disputas. O' lá, vós, Regedor das Justiças, e vós outros Ministros, tomai entrega deste villão, e mandai-o dependurar em huma

rvore, já, já, não se dando ouvidos ás  
uas palavras. Elle he bum villão ruim,  
um malvado, que tem o diabo no cor-  
o, e poderá algum dia arruinar o meu  
Estado, se o deixar vivo. E assim levai-o  
laqui para fóra ao supplicio....

*B.* As cousas feitas com muita pressa  
nunca sahem boas.

*R.* Foi mui grande a offensa, que fi-  
este á Rainha.

*B.* Quem tem menos razão grita mais  
alto. Deixa-me ao menos justificar-me.

*R.* A's tres vai-se a cavallo, e tu já  
hes fizeste mais de quatro; todas de gran-  
de affronta. Vai-te pois embora.

*B.* Por dizer a verdade hei de padecer  
a morte? Ah! não sejas cômigo tão cruel,  
por piedade.

*R.* Tu muito bem sabes o que diz o  
ditado: Ouvir, vêr, e calar, se em paz  
queres estar: e quem quer bem á Senho-  
ra, quer bem ao Senhor; e assim não me  
estejas a azongar os ouvidos, porque quan-  
to mais pedes, mais palavras deitas ao  
vento; e he o mesmo que pizar agua no  
almofáriz.

*Exclamação de Bertoldo, pela sentença  
que contra elle deo ElRei.*

B. Ora o diabo diz verdade: ou serve como criado, ou foge como veado; porque corvos com corvos nunca se tirão os olhos, e os parentes serão levados á forca, mas entre elles não se enforcão; assim que tudo o que reluz não he ouro, e quem não faz, não erra: palavra, e pedra arrancada não pôde tornar atrás; e hum tallo de couve he muitas vezes causa da morte de muitas moscas; mas lá vem hum, que me mostra boa cara, e por baixo tem a navalha escondida; e desta fórmula melhor he huma onça de liberdade, que dez arrateis de ouro; pois em fim, lobo não come lobo; e o corvo, por querer cantar, perdeo o queijo, como a mim me succede; porque tendo andado com cantigas de quem ama, no bocado do gato achei a cama, e agora nem as azas de Dedalo me valerão; pois tendo ElRei proferido a sentença, a sua palavra não pôde tornar atrás, ainda que se diga, que quem faz pôde tambem desfazer.

*Ultima astucia de Bertoldo para escapar da morte.*

Ora pois, Bertoldo, aqui he necessario fazer animo de leão, e mostrar a tua constancia neste horrendo passo, sendo certo que mais dura o tormento, mais te tarda a morrer; e já que não se póde vender, melhor he dar, que destruir. E assim aqui estou prompto; ó Rei, para receber o castigo, que tens ordenado; porém antes de morrer desejava me fizesses huma graça, a qual será a ultima que peço.

*R.* Pede o que quizeres, que não deixarei de fazer-ta. Mas dize depressa, porque me tens já enfastiado com as tuas ladainhas!

*B.* Eu te peço que ordenes a estes teus Ministros que não me enforcem senão em aquella arvore, que fôr de meu gosto, para assim morrer contente.

*R.* Assim se faça, ouvís? Levai-o embora, não o enforcéis senão na arvore, que lhe agradar, sobpena de salires da minha graça. Queres tu mais?

*B.* Não peço outra cousa; e por esta graça vivas mil annos.

*R.* Ora adeos, Bertoldo; tem paciencia por esta vez.

*Bertoldo não acha arvore, nem planta que lhe agrade; e os Ministros, depois de cansados, o deixarão ir embora.*

Não comprehendendo ElRei a maxima de Bertoldo, nem os Ministros, que o leváram a hum bosque cheio de varias plantas, e não achando nelle nenhuma do seu gosto, o conduzirão por quantos bosques havia na Italia; mas nunca poderão achar planta, arvore, ou tronco, que fosse do agrado de Bertoldo, de tal modo que achando-se cansados de muito caminhar e enfastiados de semelhante commissão, conhecerão a sua grande astucia, e o soltarão, pondo-o em liberdade. Depois tornando diante d'ElRei, lhe contarão todo o successo, do que ficou admitido, louvando o grande juizo, e subtileza de hum villão, que tinha tão vasto conhecimento, e era apercebido mais que quantos haviam.

*ElRei manda novamente procurar Bertoldo, e tendo-se achado, vai em pessoa visitallo, fazendo-o com grandes rogos e promessas tornar á sua Corte.*

Passada a cólera d'ElRei, mandou ou

a vez procurar Bertoldo, e achandô-o, e mandou rogar que tornasse á Côrte, porque tudo lhe estava perdoado; mas elle respondeo: sópa reservada, e amor reapprado não deixa estomago bem assentado, e que não havia thesouro, que pagasse a liberdade. O que ouvido por ElRei foi em pessoa aonde elle estava; e tanto rogou, e o supplicou, que finalmente induzio (ainda que contra sua vontade) ir novamente para a Côrte, fazendo com que a Rainha lhe perdoasse. Depois sempre o teve junto a si, e nunca fez nada em o seu conselho, o que foi causa de nem todas as cousas bem em quanto esteve naquella Côrte; porém como era acostumado a sustentar-se de mantimentos ordinarios, e grosseiros, e com frutos bravios, logo que começou a gostar daquelles manjares delicados, e substanciaes, cahio gravemente enfermo com perigo de morte, e que tivera ElRei, e a Rainha grande desgosto; e maior foi depois da sua morte, que sempre vivêrão em a maior tristeza, e infelicidade.

### *Morte de Bertoldo, e sua sepultura.*

Os Medicos não conhecendo a sua com-

pleição lhe applicavão os remedios; que costumão com a gente mais delicada da Côrte; mas elle, que conhecia a sua natureza, lhes pedia que manlassem coze huma panella de feijões, com sua cebolla e rabos cozidos debaixo da cinza, porque sábia que com taes comerres melhoraria no que os Medicos nunca o quizerão contentar; e assim acabou a vida com este desejos aquelle, que era tido por outro Esopo, e por hum Oraculo, com grand sentimento de toda a Côrte. ElRei o fez enterrar com grande honra: os Medicos se arrependêrão de não lhe ter dado que pedia no fim da sua doença, conhecendo que morrêra pelo não ter contentado; e ElRei, em perpetua memoria deste grande homem, fez esculpir na sua sepultura em letras de ouro os seguintes versos em fórma de Epitafio, e mandou tomar lucto á Côrte, como se fosse algum Fidalgo de sangue Real.

Nesta sombria tumba, e escura  
Hum deforme villão está sepultado;  
De urso, mais que de homem, tinha figur  
Mas era de engenho tão elevado,  
Que pasmar fez o mundo, e a natura  
Em sua vida Bertoldo foi chamado;

Querido d'ElRei: Morreo com tenções  
De não poder comer rabos, nem feijões.

*Sentenças de Bertoldo antes da sua morte.*

Quem costuma comer rabos, não se metta com pasteis.

Quem está costumado á enxada, não vá pegar na lança.

Quem está affeito ao campo, não se vá metter nas Côrtes.

Quem vencer o appetite, será grande Capitão.

Quem não come de ambas as bandas, não he boa macaca.

Quem olha fito para Sol, e não espirra, guarde-se delle.

Quem todos os dias se veste de novo, todas as horas grita com o Alfaiate.

Quem deixa os seus negocios para fazer os alheios, tem pouco juizo.

Quem quer fazer cortezias a todos, depressa gasta o chapéo.

Quem dá na mulher, faz murmurar os visinhos.

Quem mede o seu estado, nunca será pobre.

Quem coça a sarna de outrem, a sua refresca.

Quem promete no bosque, deve observar a palayra na Cidade.

Quem tem medo dos passaros, não se-  
mêe o milho.

Quem faz como o ouriço, estará sempre  
seguro em casa.

Quem vai para jornada, leve pão na al-  
gibeira, e pão na mão.

Quem dá fé ás necessidades, funda os  
seus pensamentos na nevoa.

Quem põe a sua esperança na terra, se  
aparta do Ceo.

Quem he perguiçoso das mãos, não vá  
ao tonel.

Quem te aconselha, em lugar de ajudar-  
te, não he bom amigo.

Quem castiga a cadella, o cão está ar-  
redado.

Quem no Verão toma o exemplo da for-  
miga, não pede no Inverno pão em-  
prestado.

Quem atira o sêxo ao alto, lhe virá a  
dar na cabeça.

Quem vai á festa, e não sabe dançar,  
não faz outra cousa, que occupar o  
lugar.

Quem toma a mulher pela riqueza, a  
bolsa vai ao marido.

Quem dá o governo de casa ás mulheres,  
tem sempre quem lhe bata nas portas.

Quem não póde trazer a sua pelle, he  
bem desastrada ovelha.

Quem gasta o seu em ruins partes, na hora da morte vê a sua conta corrente.

Quem louva hum, antes que o tenha practicado, muitas vezes dá as mentiras a si mesmo.

Quem dá o pão a cães alheios, bem depressa lhe ladrão os seus.

Quem não paga os jornaes aos obreiros, nada tem de homem justo.

Quem come ao gosto de outrem, nunca come cousa, que lhe faça proveito.

Quem pertende saber nada, esse he mais sapiente, que os outros.

Quem quer emendar os mias, dê bom exemplo de si mesmo.

Quem foge dos appetites terrestres, come os fructos celestes.

Quem se acha sem amigos, he como hum corpo sem alma.

Quem solta a lingua, antes que o pensamento, não tem nada de prudente.

Quem, quando sahe de casa, cuida no que ha de fazer; quando torna, tem acabado a obra.

Quem dá logo o que promete, dá duas vezes.

Quem pecca, e faz peccar a outrem, deve fazer duas penitencias de huma vez.

Quem para si não he bom, mal o póde ser para outrem.

Quem quer seguir a virtude, he necessario que deixe o vicio.

Quem pede aquillo, que não póde esperar de ter, nega a graça a si mesmo.

Quem tem bom vinho em casa, sempre lhe batem com frascos na porta.

Quem escolhe as armas, quer pelejar com vantagem.

Quem navega no mar da sensualidade, desembarca no porto das miserias.

Quem do bem de outrem se entristece, não falta quem se ria do seu mal.

Quem tem a virtude propria, vai seguro á sua jornada.

## TESTAMENTO DE BERTOLDO

Achado debaixo do travecciro da sua cama, depois da sua morte.

Estas sentenças as fez imprimir ElRei em caracteres de ouro, e pô-las sobre a porta da Sala Real, para que todos as podessem ver, e não se podia consolar com a perda de tão grande homem. Os que tinham ficado com o encargo da camara de Bertoldo, querendo concertar a

ama, onde elle costumava dormir, chárão debaixo do enxergão huma trouxa de trapos, e de escrituras, a qual levarão logo a ElRei, que fazendo-a despertar, achou entre aquelles papeis o testamento, que tinha feito, muitos dias antes da sua morte; não o tendo dito a ninguém, talvez para que se não soubesse de quem descendia, nem de que terra elle fosse, sendo hum homem tão extravagante. Como quer que fosse, ordenou ElRei, que fosse chamado o Tabellião, que o tinha feito, para que o lesse em sua presença; e com effeito veio em hum atomo, e fazendo a devida venia a ElRei, lhe disse:

*Tabel.* Aqui estou, Senhor, para executar o que V. Magestade me ordenar.

*R.* Vós he que fizestes o testamento de Bertoldo?

*Tabel.* Sim, Senhor, eu o fiz.

*R.* E quanto tempo ha que o fizeste?

*Tabel.* Póde haver tres mezes.

*R.* Ora ei-lo aqui, tomai-o, e lede-mo; porque essa letra tabellioa não a entendendo bem, por causa das extravagantes cifras, que vós lhe costumais pôr.

*Tabel.* Não he só isso, Senhor, mas ainda mais, porque eu só sei escrever vul-

gar, não tendo podido passar nunca dos Nominativos, ainda que fui ao estudo vinte e dous annos, e por isso só me passam pelas mãos estas differenças dos vilãos.

R. Como vos chamais?

Tabel. Eu me chamo Bastião Vilupio, para servir a Vossa Magestade.

R. Tendes bello nome, certamente, e tambem o sobrenome pôde passar; mas melhor seria, segundo meu parecer, que vos chamasses senhor Tacão, pois tambem os deitais nestas letrinhas.

Ora lede, senhor Bastião, e pronunciai alto, de vagar, e claro, que eu possa entender.

*O Tabellião lê o testamento.*

Em nome de bom principio, e seja para bem, etc. Eu Bertoldo, filho do defunto Bertolaço, neto de Bertuço, de Bertim, de Bertulim, e de Bertanha: Vendo, e reconhecendo, que todos nós os mortaes somos, como humas bexigas cheias de vento, que qualquer buraquinho as faz vasar, que como cada homem chega aos setenta annos, assim como eu me acho, se pôde dizer, que tenha chegado ás vinte e tres horas do seu dia, e que as vinte

e quatro não podem tardar a dar, e depois boas noites; já que me acho ainda com hum pouco de sal nos miolos, quero deixar dispostos, e ajustados todos os meus negocios, fazendo o meu testamento, tanto para minha satisfação, como também para satisfazer aos meus parentes, e amigos, aos quaes devo alguma obrigação. Sois vós, senhor Bastião, supplicado, para que me rogueis este meu testamento, e ultima minha vontade, a saber; em primeiro lugar:

Deixo a Bertoldo, mestre remendão, os meus çapatos de quatro solas, e quarenta réis de moeda corrente, por me ter sido sempre amovavel, haver-me muitas vezes emprestado a sovêla para coser bem os tacões, e outros favores, que me fez.

Item, a Ambrosio, varredor da Còrte, eincoenta réis de moeda corrente por me ter levado muitas vezes os calções a concertar, e outros recados; que me fez, etc.

Item, a Barba Sabuco, hortelão, o meu chapéo de palha, por ter-me dado algumas vezes hum maço de alhos pela manhã muito cedo, para fazer-me bom estomago, e dar-me maior appetite.

Item, a Manoel Allegrato, taverneiro, a minha cinta larga, e o affogador, por

me ter enchido o barrilinho todas as vezes que me era necessario, e outros favores.

Item, a Gil Corque Martins, cozinheiro, a minha faca, com bainha, por ter-me algumas vezes cozido os nabos debaixo da cinza, e dado tigellas de feijões com cebollas, comeres, que se dão bem com a minha natureza, mais que as tortas, perdizes, e pasteis.

Item, á tia Pandora, lavandeira, o meu enxergão em que durmo, duas bancas, com pés quebrados, e tres varas de panno de estopa para fazer dous aventaes, e isto por me ter muitas vezes lavado a roupa branca, e tido conta nella, etc.

Item, deixo a Figueite, moço da Côrte, vinte e cinco chicotadas, com hum bom açoute, por ter-me surado o bispote, e feito cahir o mijo na cama; por me pendurar hum foguete nas costas, por me çujar em hum çapato, e outras peças, que me fez: e isto desejo seja feito logo logo porque elle he desavergonhado, etc.

R. Nisso não haja dúvida. Continuai para diante, senhor Bastião.

Tabel. Item, porque quando vim a esta Côrte (que nunca tivesse vindo) dei-xei Marcolfa, minha mulher, com hum filho, chamado Bertoldinho, que pôde

ter dez annos, pouco mais ou menos, e nem menos deixei dito para onde vinha, a fim que não viessem atraz de mim, pois não tem focinho para apparecerem nestes lugares, parecendo mais depressa macacos, que outra cousa: e tendo eu humas terras, e alguns animaes, deixo a minha mulher senhora de tudo, em quanto o filho não tem vinte e cinco annos, porque então quero seja elle senhor de tudo: com condição, que se se quizer casar, não se misture com gente de maior qualidade de que elle.

Que não se domestique com os seus maiores.

Que não faça damno aos seus visinhos.

Que coma quando tiver, e que trabalhe quando poder.

Que não tome conselho de gente, que tenha tido máo fim.

Que não se deixe curar por Medico enfermo.

Que não se deixe sangrar por sangrador, que lhe trema a mão.

Que dê a todos o que devem haver.

Que seja vigilante nos seus negocios.

Que não se intrometta no que não lhe importa.

Que não faça compras naquillo que não conhece.

E sobre tudo, que se contente do seu estado, nem deseje mais; e considere, que muitas vezes o cordeiro vai adiante da ovelha, isto he, que a morte tem a fouce na mão para atirar o golpe tanto á velha, como ao moço; que se tiver cuidado de observar todas estas cousas, nunca topará em nada, que lhe dê damno; será feliz, e terá bom fim.

Item, não me achando com mais nada, porque nunca quiz acceitar o que me offerecia o meu Rei por muitas vezes, querendo dar-me anneis, joias, dinheiro, vestidos, cavallos, e outras riquezas; porque, se as tivesse recebido, não teria descanço, e talvez faria mil insolencias, malquistando-me com todos, e figurando, como alguns, que de baixos, e drogas, que são, sobem por fortuna a altas, e sublimes dignidades, e nem por isso se alimpão nunca do lodo, de que estão cheios. Eu me contento de morrer pobre, e saber que nunca me servi de adulação para com o meu Rei; mas sempre o aconselhei fielmente em todas as occasiões, que me pediu meu parecer, fallando, e dizendo livremente tudo o que entendi; e não de outra sorte, para mostrar-lhe do mesmo modo no fim da minha vida o affecto que

que tenho, lhe deixo estes poucos documentos, os quaes não levará a mal de aceitar, e tambem observar, ainda que sejam de hum rustico villão, e são estes:  
Que tenha a balança justa, tanto para o pobre, como para o rico.

Que faça ver com grande attenção os processos; antes de chegar ao ponto de sentenciar.

Que não condemne ninguem, quando estiver enfadado.

Que se beinquite com o seu povo.

Que premêe os bons, e os virtuosos.

Que castigue os delinquentes.

Que lance fóra os adulaadores, e lisongeiros, e as linguas maldizentes, que mettem scisma pela Córte.

Que não dê nenhuma sorte de gravame aos seus subditos.

Que proteja as viuvas, e os pupillos, defendendo as suas causas.

Que faça despachar as demandas, ouvindo os pobres demandistas, e não os deixando subir, e descer tantas vezes as escadas dos Tribunaes, e das dos Ministros.

Que observando estes avisos, vivirá contente e alegre, e será tido universalmente por excellente, e justo Senhor.  
E aqui acabo.

Ouvindo ElRei o perfeito testamento, e insignes lembranças, que lhe deixou Bertoldo, não pôde suster as lagrimas, que lhe sahirão dos olhos, e considerando a sua grande prudencia, e amor, e a lealdade, que em sua vida tinha nelle conhecido, e ainda na sua morte; e assim mandando dar ao Tabellião cincoenta ducados, o despedio; e depois, qual outro Alexandre Magno, que conservou entre as suas preciosas joias a Iliada de Homero, assim elle fez pôr o dito testamento entre as cousas de maior valor. Mandou que se fizessem diligencias para achar sua mulher Marcolfa, e seu filho Bertoldinho, conduzindo-os á Cidade; pois os queria por todos os modos na sua Côrte, em memoria de Bertoldo; e com effeito tendo ido alguns Cavalheiros em procura delles por quantos montes, e bosques havia mais visinhos, como ElRei lhes tinha dito, que não tornarem á sua presença sem lhos levar, tanto andárão, que finalmente os achárão, e do que acontecce, se mostrará em outro livrinho.

F I M.

